



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

NUNO CARLOS GABRIEL COELHO

“NÃO HÁ LIMITE PARA DISCURSOS VAZIOS?”
(Jb 16,3)

DESAFIOS DE UMA LEITURA EXEGÉTICO-TEOLÓGICA

Dissertação Final

sob orientação de:

Professora Doutora Luísa Maria Varela Almendra

Lisboa
2012

INTRODUÇÃO

O Livro de Job é um livro que inquieta, surpreende e apaixona a quem se introduz no seu seio e vive o desenrolar de todo o enredo que nos é oferecido pelo autor.

O objetivo deste estudo é tentar realizar uma leitura de Jb 16-17 de tipo exegético teológico, com enfoque particular nas afirmações feitas em Jb 16,3: “Não há limite para discursos vazios? Que mal te força a te defender?”. É uma pergunta de Job como tantas outras, ou, pelo contrário, é uma citação de algumas perguntas feitas pelos amigos?

Centrar-nos-emos nas questões de Bildad (Jb 8,2), Sofar (Jb 11,2-3) e Elifaz (Jb 15,2-3) comparando-as com as de Job (Jb 16,3). Serão as palavras de Job palavras vazias, tal como a redação do texto bíblico o sugere? Seria o comportamento dos amigos como o de Job se padecessem o mesmo suplício, também como algumas traduções o sugerem.

No primeiro capítulo do estudo procuraremos analisar a estrutura do Livro de Job e qual o contexto literário em que Jb 16-17 se encontra. No segundo capítulo do nosso trabalho centramos a nossa atenção em Jb 16,3, tentando fazer uma leitura exegética de algumas perguntas dos amigos, situadas nos dois primeiros ciclos de discursos. Após a análise fazer uma comparação dessas perguntas com as que Job faz em Jb 16,3. No terceiro capítulo pretende-se chegar a uma possível síntese sobre: qual teria sido a pergunta fundamental, ou perguntas, colocada por Job nos capítulos 16-17. Começaremos por apresentar uma tradução das perguntas presentes em Jb 16-17 e algumas notas revelantes de filologia, analisando as partículas interrogativas presentes nos dois capítulos. Seguidamente serão apresentados alguns traços pertinentes de semântica, analisando as palavras que darão o mote à pergunta aglutinadora de Job em Jb 16-17. Faremos uma análise do texto (Jb 16-17), tentando verificar a sua organização e o seu aspeto formal, sugerindo qual nos parece ser a pergunta de Jb 16,3.

O quarto capítulo centra-se numa leitura mais teológica, relacionando a pergunta sugerida e aglutinadora de Jb 16-17 com o sofrimento e a esperança de Job, tentando perceber se haverá esperança para Job em todo o seu sofrimento.

Este trabalho permitir-nos-á aprofundar as razões de Job quando pede que Deus venha à sua presença, se realmente serão vazias, como os amigos afirmam, as palavras de Job e o porquê de Job se querer defender da pressão feita sobre si, fazendo com que ele se sinta um ímpio, a quem Deus acusa de iniquidade e castiga. Por isso, com este trabalho não desejo oferecer respostas fechadas, mas sublinhar um debate que sabe colocar em aberto a oportunidade de se olhar para as palavras de Job como um questionamento. O de todo o ser humano sofredor que não deixa de esperar em Deus, onde surpreendentemente aquele que a esperança procura sem encontrar é o próprio Deus que estende a mão para o salvar.

I. O CONTEXTO LITERÁRIO DOS CAPÍTULOS 16-17

O livro de Job é um livro que surpreende e inquieta. É, no dizer de alguns autores, uma obra-prima literária.¹ Contudo, é um livro que levanta alguns problemas complexos e diversificados em vários ângulos, nomeadamente no que diz respeito ao seu processo de redação e à sua autoria. Num dos estudos J. E. Hartley, assume no seu comentário a existência de um único autor, dizendo que este é uma pessoa altamente instruída, que se apropriou livremente de materiais de diversas fontes, incorporando-as no seu trabalho.²

Na perspectiva deste autor, o livro de Job relata a história da prova e triunfo de Job, como debate o problema do sofrimento humano através de discursos. Isto é, o livro é tanto um poema épico como um debate de sabedoria.³

1. A ESTRUTURA DO LIVRO DE JOB

O livro de Job apresenta, como todos os livros Bíblicos, uma estrutura única que, neste caso, une em si uma mistura de estilos de prosa e poesia, monólogos e diálogos, e uma riqueza imensa de vocabulário, com muitos termos unicamente existentes neste livro. A aparente simetria da estrutura do livro parece contrastar com a profundidade do assunto que se discute. Entrevemo-lo nos dois desafios lançadas a Deus por Satanás (Jb 1-2), que apresentam um final bem-sucedido, retomado na sentença final de Jb 42,7 onde se estabelece a reestruturação de Job e dos outros amigos.⁴ Este aspeto é desenvolvido por J. E.

¹ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job* (Grand Rapids, MI 1988) 38; N. C. HABEL, *The Book of Job. A Commentary* (London 1985) 23; R. ZUCK, *Job* (Chicago, IL 1978) 7.

² Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*: “The literary unity of the book is a major issue. Scholars take three basic approaches to account for the book’s complexity and diversity: (1) the book is primarily the product of a single author, who continued to work on his masterpiece over a lifetime (e.g., Snaith, Gordis); (2) the book is a collection of independent pieces from many different authors (e.g., Irwin); (3) the author composed the bulk of the present work and over the centuries others added to it (e.g., Fohrer).”, 20. Em N. C. Habel encontramos a mesma opinião acerca do autor do livro de Job, cf. N. C. HABEL, *The Book of Job*, 42.

³ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 38.

⁴ Cf. G. BORGONOVO, *La Notte e Il suo sole, Luce e Tenebre nel Libro di Giobbe; analyse simbólica* (Roma 1995) 100.

Hartley, segundo o qual o livro de Job aparece simetricamente estruturado em conjuntos de dois, três e quatro momentos.⁵ Na sua estrutura básica o livro é composto por duas partes essenciais, um prólogo e um epílogo em prosa, e um conjunto de discursos ou diálogos em poesia.⁶ O prólogo e o epílogo constituem a moldura de uma história, que começa por evocar a piedade de Job e um diálogo entre Deus e Satanás. Esta moldura é, na perspectiva de alguns autores, composta por seis momentos agrupados em três conjuntos de duas cenas.⁷ O autor sublinha no prólogo que, apesar das desgraças que acontecem Job é um homem capaz de permanecer fiel ao seu Deus. Esta fidelidade de Job aparece reconhecida no epílogo, onde se relata que o bem-estar de Job é restaurado, recebendo em dobro filhos e filhas, assim como os bens perdidos.⁸ O autor do livro de Job parece ter a duplicação como uma técnica de composição preferida.

Também, segundo G. Borgonovo existem duas cenas duplas no prólogo: as sessões principais do drama e o ciclo de diálogos com os amigos; os discursos de Deus e as respostas de Job. Na sua ótica esta estratégia parece ser necessária para dar dinamismo a um drama, cuja ação é quase exclusivamente ao nível da palavra.⁹

A partir de Jb 3 desenvolve-se um discurso poético composto por palavras de Job e dos amigos. O estilo literário é muito diferente do da prosa com que inicia o livro. Este discurso começa com um desabafo de Job, diferente, tanto em tom como em estilo. Inicialmente, Job aceitava, com alguma resignação, o que lhe acontecia, mas agora começa

⁵ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 35. Para uma análise mais detalhada da estrutura, cf. anexo 1.

⁶ Esta estrutura é aceite pela generalidade dos comentaristas: cf. N. C. HABEL, *The Book of Job, a Commentary*: “It has generally been accepted that the book of Job consists of two basic parts – a prologue and an epilogue in prose from which together constitute a discrete story framework (chs1-2; 42:7-17), and an extended dialogue in poetic form which represents the author’s contribution to Israelite thought (3:1-42:6)”, 25; R. ZUCK, *Job*: “The prologue (1,1-2,13) and the epilogue (42,7-17) are narrative prose, and the lengthy material in between is poetry.”, 7; C. A. NEWSOM, *Job. Introduction, Commentary, and Reflections*”, *The New Interpreters’ Bible*, IV (Nashville, TN 1996) 320. A divisão da estrutura do livro, feita por estes três estudiosos, é similar: prólogo (Jb1-2) e epílogo (Jb 42,7-17) e o conjunto de discursos (Jb 3-42,6).

⁷ Cf. N. C. HABEL, *The Book of Job*, 23; C. A. NEWSOM, *Job*, 320; J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 37 (cf. anexo 1).

⁸ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 320.

⁹ G. BORGONOVO, *La Notte e Il suo sole*, 100.

a ripostar num tom menos paciente. Esta diferença de atitude oferece, aos amigos uma ocasião para o confrontarem, abandonando um consolo silencioso e compassivo.¹⁰

As palavras de Job são a forma que ele encontra para expressar o seu desejo de que Deus lhe conceda o alívio imediato do seu padecimento (Jb 3). Estas palavras surpreendem os amigos que não compreendam o alcance do pensamento de Job, acabando por começar a debater a situação de Job e qual a sua postura perante Deus¹¹. O bloco compreendido entre Jb 4 e Jb 27 engloba o diálogo entre Job e os três amigos, Elifaz, Bildad e Sofar, onde estes, que vieram para o consolar (cf. Jb 2,11), discutem, agora, sobre qual o significado da desgraça de Job e como é que podem fazer ver, ao próprio Job, qual o seu carácter e o de Deus, e as implicações disso nos acontecimentos ocorridos.¹²

O debate entre Job e os amigos tem uma estrutura formal altamente estilizada, onde o número três é predominante, como se vê pelos três oradores que falam três vezes cada um, num conjunto de três ciclos de discursos. Também a confissão da inocência de Job tem três partes. Cada amigo fala a Job numa certa ordem, e Job responde a cada um, dando a sequência Elifaz-Job; Bildad-Job; Sofar-Job. Esta sequência é seguida por dois ciclos completos, o primeiro ciclo (Jb 4-14) e o segundo ciclo (Jb 15-21).¹³ Nos dois primeiros ciclos Job dá três respostas aos três discursos dos amigos. No terceiro ciclo, e de acordo com a Bíblia de Jerusalém, Job dá apenas duas respostas. Segundo o tradutor do livro o texto parece um pouco mutilado. Ao discurso de Elifaz (Jb 22,1-30) Job responde (Jb 23,1-24,1-17.25). Intervém Bildad (Jb 25,1-6; 26,5-14) e Job contesta o seu discurso (Jb 26,1-6; 27,1-12). Por fim discursa Sofar (Jb 27,13-23; 24,18-24), o qual não obtém resposta de Job.¹⁴

¹⁰ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*: “His long, highly developed poetic speech in chap. 3 belongs to a very different literary style from that of the prose tale. [...] Job’s bitter outburst, so different in style and tone from his previous remarks, provides the occasion for the friends who have come to comfort him to speak”, 362.

¹¹ Cf. *Ibidem*.

¹² Cf. C. A. NEWSOM – S. H. RINGE, *The women’s Bible Commentary*, (Westminster, London 1998) 130.

¹³ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 362.

¹⁴ Cf. BÍBLIA de JERUSALÉM, *Nova edição Revista e Aumentada* (São Paulo, Brasil 2003²): “i) Este discurso, talvez mutilado, parece antecipar-se aqui aos discursos de Iahweh. No entanto, pode ser ligado ao Diálogo vendo-se nele a resposta de Bildad, à tácita acusação de impotência, pronunciada por Job contra Deus. a) Transfere-se 26,1-4 para depois de 26,14. Os vv. 5-14, parecem ser não a sequência do discurso de Job que principia em 26,1, mas parecem completar o discurso de Bildad. c) O fragmento de discurso (27,13-23) dificilmente pode ser atribuído a Job, e parece que deve ser restituído a um dos seus amigos, do qual

De acordo com C. A. Newsom, no terceiro ciclo (Jb 22-27), há uma sequência que se quebra. Esta quebra pode dever-se a erros cometidos ao longo de uma conturbada história de transmissão de texto. Pode ser também uma representação literária de quebra do diálogo querida pelo autor. Ambas as probabilidades não são claras.¹⁵ Este aspecto é tido em conta na Bíblia de Jerusalém. O tradutor do Livro de Job faz algumas considerações que podem elucidar a quebra de sequência. A partir de Jb 24, o texto parece que estaria corrompido, tendo por isso sido feitas algumas transposições de versículos. Os vv. 7-9, de Jb 24, são colocados depois do v. 11; os vv. 18-24 são transpostos para depois de Jb 27,23; Jb 26,1-4 é transferido para depois de Jb 26,14, e ainda Jb 25 apresenta somente 6 versículos.¹⁶ Também para esta autora, a estrutura do terceiro ciclo é demasiado incerta para que possa haver uma clarificação da relação entre estes discursos e os anteriores. Contudo, esta incerteza encontra outro registo no interlúdio do poema sobre a sabedoria em Jb 28. Poema, este, que é um importante elo de ligação para as principais partes do livro.¹⁷ É este poema da sabedoria que fornece o interregno antes de Job retomar mais uma vez o seu discurso para desafiar Deus diretamente, em Jb 29-31.

Enquanto na primeira parte do Diálogo predomina a cadência tripartida, na segunda parte prevalece a quadripartida: Elihu profere quatro discursos (Jb 32-37), sem que haja nenhuma intervenção quer de Job quer dos amigos; a apresentação do esplendor de Deus, (Jb 38,1-42,6), é composta por dois longos discursos de Yahweh que obtêm duas curtas e

retoma uma das sentenças. A atribuição a Sofar é a mais indicada. *h*) A inserção desse trecho 24,18-24 neste ponto é conjectural. O texto está muito muito maltratado e carece de numerosas traduções.” Notas feitas pelo tradutor do Livro de Job.

¹⁵ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*: “In the third cycle (chaps. 22-27) the sequence breaks down, and it is not clear whether this disruption is due to mistakes made in a long history of the text's transmission or whether it is a literary representation of the breakdown of the dialogue itself”, 362.

¹⁶ Cf. BÍBLIA de JERUSALÉM: “*a*) Transpomos os vv. 7-9 para depois do v. 11, onde encontram seu contexto lógico. O início quase idêntico dos vv. 7 e 19 pode ter causado deslocamento acidental. *h*) Transpõem-se os vv. 18-24 para depois de 27,23.” Estas notas são as feitas pelo tradutor no Livro de Job.

¹⁷ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*: “Unfortunately, the structure of the third cycle is too uncertain to make it clear how it relates to the preceding speeches. The disarray of the third cycle is followed, however, by the interlude of the poem on wisdom in chap. 28. This poem provides important connections to the major parts of the book”, 364.

resignadas respostas de Job, formando quatro unidades.¹⁸ O auge do livro de Job ocorre neste último momento, onde no fim dos discursos Job retira as acusações contra Deus.¹⁹

As mudanças entre o princípio, o meio e o fim do livro não são meramente estilísticas, correspondem também à mudança na representação das personagens e na natureza das questões religiosas consideradas. Desta forma, embora a relação entre a prosa e as secções poéticas coloquem algumas perguntas perturbadoras sobre como se está a ler o livro de Job, a própria forma do diálogo poético central, apresenta também questões que afetam a compreensão do livro. Em conclusão, o livro de Job apresenta em si uma estrutura que responde, segundo alguns autores, ao esquema da metáfora jurídica:²⁰

- A. Antecipação (Jb 1,6-11; 2,1-6)
 - B. Possibilidade de recurso aos tribunais (Jb 9-10)
 - C. Desafio ao acusador (Jb 13)
 - D. Anúncio de um juiz (Jb 16,18-21; 19,21-29)
 - E. Testemunho do acusado (Jb 29-30)
 - E1. Juramento e desafio ao acusado (Jb 31)
 - D1. Veredicto de um juiz (Jb 32-37)
 - C1. Desafio ao acusado (Jb 38,1ss;40,6ss)
 - B1. Recusa-se o recurso aos tribunais (Jb 42,1-6)
 - A1. Ilibação (Jb 42,7-9)

Esta forma de estruturar o livro pode gerar algum debate e até mesmo dificuldade na interpretação. Os discursos dos amigos parecem constituir essencialmente disputas, para os que procuram persuadir Job a adoptar as suas teologias. É nestes discursos que se situa o nosso estudo, que contextualizando Jb 16-17 no coração do livro de Job, tenta debater a

¹⁸ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*: “In the next two sets the number four dominates. Elihu delivers four unanswered speeches, and the theophany consists of four units, two long speeches from Yahweh balanced by two short answer from Job”; “After a lengthy apology for speaking, Elihu delivers four unanswered discourses”; “The Yahweh speeches consist of two discourses: Yahweh’s first speech (38,1-40,2), and Yahweh’s second speech (40,6-41,26 [Eng. 34]). Both speeches are followed by a short response from Job (40,3-5; 42,1-6)”, 37; 427; 488.

¹⁹ Cf. C. A. NEWSOM – S. H. RINGE, *The Women’s Bible Commentary*, 130.

²⁰ Cf. N. C. HABEL, *The Book of Job*: “The major stages in the development of this metaphor in the book as a literary whole”, 54; V. M. ASENSIO, *Libros sapienciales y otros escritos* (IEB 5) (Navarra 1998²) 153.

questão das citações internas no livro de Job, nomeadamente se Jb 16,3 é ou não uma citação das perguntas feitas, pelos amigos, a Job.

2. CONTEXTO LITERÁRIO DE JB 16-17

Jb 16-17 encontra-se inserido no segundo ciclo de discursos, incluídos no conjunto dos diálogos, que é composto por três ciclos (Jb 3,1-14,22; Jb 15,1-21,34 e Jb 22,1-27,23) e cada ciclo composto por seis discursos.²¹ No primeiro ciclo (Jb 3,1-14,22), os amigos procuram consolar Job através de um relato pormenorizado sobre a justa e sábia vontade de Deus, justapondo descrições da calamidade que sucedem aos maus com as bênçãos que assistem os justos. Estas descrições funcionam ambas como um aviso de morte eminente e como uma exortação para Job se arrepender. Em defesa da instrução dada, os amigos citam hinos em louvor do poder e sabedoria de Deus. Exortam também Job a procurar Deus, prometendo-lhe prosperidade, segurança e alegria (cf. Jb 5,8-11.17-20; 8,5-7; 11,13-19).²²

No segundo ciclo, os amigos suspeitam que Job deve ter feito algo terrível para se encontrar em tão grande aflição e omitem qualquer palavra de consolo dirigindo-lhe duras acusações: “Além do mais, suprimes a piedade, desacreditas os piedosos diálogos diante de Deus” (Jb 15,4); “Tu, que te desmembras em tua cólera...” (Jb 18,4); “Não sabes que é assim desde sempre...” (Jb 20,4). Cada um deles descreve o terrível destino que aguarda o ímpio como uma advertência poderosa para que Job abandone o mau caminho em que se encontra (cf. Jb 15,17-23.34-35; 18,5-14; 20,6-7.22-26.29). Os hinos de louvor a Deus desapareceram e não faltam as chamadas ao arrependimento, em que os amigos se concentram para tentar convencer Job de que ele é contado entre os ímpios.²³ Neste segundo ciclo de discursos Elifaz, Bildad e Sofar agarram-se tenazmente às suas crenças sobre o sofrimento em relação ao pecado. A repetição monótona com que os seus pontos

²¹ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 103.

²² Cf. *Idem*, 39.

²³ Cf. *Ibidem*.

de vista são introduzidos e a sua persistência fazem-se notar na sua incapacidade de entender o dilema de Job.²⁴

É nesta conjuntura que, depois de se ter escutado o discurso de Elifaz, Job quebra o silêncio dizendo “já ouvi mil discursos semelhantes” (Jb 16, 2a) e que os seus amigos não passam de “consoladores importunos” (Jb 16, 2b). Job responde a Elifaz, que o acusa de se querer defender “com razões inconsistentes” (Jb 15, 3). Segundo Elifaz Job suprime a piedade e desacredita a meditação e o estudo da Lei (cf. Jb 15, 4), inspirando-se na culpa sentida, o que torna as suas “palavras sem sentido” (Jb 15, 3). Elifaz começa por desacreditar as queixas de Job, por falar como um sábio (Jb 15,2-6) contrastando com a autoridade confiável em que se baseiam as palavras que os amigos lhe dirigem (Jb 15,7-10).²⁵ Diz Elifaz que não é ele quem o acusa, mas é Job que se condena pela própria boca, pelos seus lábios (cf. Jb 15,6). Elifaz pergunta se foi Job o primeiro homem a nascer e, se veio ao mundo antes das colinas, (cf. Jb 15, 7) pois só assim poderia armar-se em mestre de sabedoria, contrapondo com a verdadeira Sabedoria (Pr 8, 25).

Elifaz intimida Job por causa das suas duras palavras (Jb 15,11-13) lembrando-o da verdade fundamental sobre a natureza humana e de como Deus vê a corrupção (Jb 15,14-16).²⁶ O discurso de Elifaz continua com uma concepção de pecado-castigo, fazendo uso de lugares comuns, de teorias banais, afirmando que “quem concebe o sofrimento gera a infelicidade e prepara em si um fruto de decepção” (Jb 15, 35).

Job indignado com o palavreado cruel de Elifaz responde com desprezo e lamenta sentir dolorosamente o afastamento de Deus.²⁷ Para ele os amigos são “todos consoladores importunos” (Jb 16, 2b) que não servem para consolar, mas para aumentar mais a sua aflição. Repreende os amigos pela sua forma de agir, cansado dos discursos que eles proferem, pois já ouviu “muitas vezes discursos semelhantes” (Jb 16, 2a). Discursos que não são mais que acusações, classificando as suas palavras como palavras de vento, como vã linguagem (cf. Jb 8, 2; 11, 3; 15, 2).

²⁴ Cf. R. ZUCK, *Job*, 68.

²⁵ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 448.

²⁶ Cf. *Ibidem*.

²⁷ Cf. R. ZUCK, *Job*, 76.

Para Job o seu caso não tem resolução, pois quer fale ou não a dor não o deixará (Jb 16, 6) e se reclama é censurado, se fica em silêncio, esse mesmo silêncio é tido como confissão de culpa. Sente que o próprio Deus o enfraqueceu tendo espalhado a perturbação em seu redor (cf. Jb 16, 7). Embora todos estejam contra Job (cf. Jb 16, 9b-10), e ele sinta que foi entregue aos ímpios (cf. Jb 16, 11) e despedaçado por Deus (cf. Jb 16, 12-14), mantém a sua integridade, pois a sua consciência não o acusa de pecado. Job está de luto, está cansado de chorar (cf. Jb 16, 15-16) mas nas suas mãos não há violência e a sua oração é pura (cf. Jb 16, 17).

Depois da queixa de abertura (cf. Jb 16, 1-6) Job lamenta a sua sorte miserável. Dirige as suas palavras a Deus (cf. Jb 16,17 – 17,16), que apresentam uma mistura de lamento e linguagem judicial.²⁸ Por esse motivo Job quer ter “uma testemunha no céu, um defensor nas alturas” (Jb 16, 19) e pede que a terra não oculte o seu sangue nem sufoque os seus clamores (cf. Jb 16, 18). A oração de Job “subiu até Deus” e os seus olhos “choraram diante d’Ele” (Jb 16, 20) e só espera que a sua causa com Deus seja tratada como é tratada a causa “do homem com o seu semelhante” (cf. Jb 16, 21). É precisamente no ponto de viragem de uma forma tradicional que o levaria ao reconhecimento devoto de Deus (cf. Lam 3, 21), que Job interrompe o formulário, chamando em linguagem jurídica um advogado que irá reivindicar o seu nome e vingar o seu sangue (cf. Jb 16, 18-21).²⁹

Job é duramente criticado pelos seus amigos e não vê “senão amarguras” (Jb 17, 2). Ele fala da dor que sente no seu corpo, de como vê as coisas, de como é escarnecido pelos outros. Revê assim a triste realidade. O seu caso é depreciado na terra e os seus amigos são os primeiros a condená-lo. Só o sepulcro poderá confortá-lo (cf. Jb 17,1). Sentindo-se como um homem a morrer, não encontra ninguém que lhe seja favorável (cf. Jb 17, 3a) e desse modo apela a Deus para que seja Ele “mesmo a sua caução” (Jb 17, 3b), não deixando que triunfem aqueles que lhe cospem no rosto (cf. Jb 17, 4-6).

Apesar de tudo o que os amigos lhe disseram, Job não deixa de procurar saber o porquê do seu sofrimento, e desaprova a sabedoria e piedade convencionais, ideias aceites por seus amigos. Sendo condenado pelos amigos, Job sabe que “as pessoas rectas estão

²⁸ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 256.

²⁹ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 457.

estupefactas, e o inocente indigna-se contra o ímpio” (Jb 17, 8), e permanecerá no seu caminho, desafiando, os amigos ao dizer: “voltai-vos todos, vinde: não acharei sequer um sábio entre vós!” (Jb 17, 10). Os amigos são de tal forma estranhos a Job, que a única coisa que lhe dará conforto será a sepultura (cf. Jb 17, 13-16). Como uma montanha russa, as emoções de Job movem-se rapidamente para cima e para baixo, tanto que depois de pedir a Deus um advogado, acusa-O de fazer dele uma sentença perante os outros, pois as pessoas falavam sobre os seus sentimentos de uma forma depreciativa zombando dele e ainda lhe cuspiendo em cima.³⁰

Indignado com a repulsão das palavras evidentes de Job, Bildad ataca-o impacientemente, continuando o tema do destino dos ímpios com que Elifaz iniciou esta segunda volta de discursos.³¹ Bildad reprova o comportamento de Job e a sua forma de responder não querendo escutar o que lhe dizem os amigos (cf. Jb 18, 2-3). Neste segundo discurso, Bildad aumenta a doutrina que manteve no seu primeiro discurso, fazendo de novo uma alusão à luz em contraposição com as trevas (cf. Jb 18, 5-6), e compara Job com o ímpio, que pecando sofre o castigo (Jb 18, 7-21). Bildad parece estar sempre atento às denúncias de Job, da condição miserável em que se encontra, no escuro, confuso, querendo sair do mundo para deixar de sofrer (cf. Jb 17, 11-13).

Obviamente provocado pelas palavras de Job e seus costumes, Bildad oferece uma apaixonada oração sobre os terrores que aguardam o malfeitor, abandonando o seu discurso anterior: a possibilidade de que Job pudesse ter um futuro brilhante, destinado aos justos, é substituída pela afirmação do destino terrível que se abate sobre os ímpios.³²

3. CONCLUSÃO

Vários comentaristas e escolas estudaram o livro de Job, apresentando cada um a sua forma de o estruturar. Algumas delas têm pontos comuns, nomeadamente a divisão do

³⁰ Cf. R. ZUCK, *Job*, 79.

³¹ Cf. *Idem*, 81.

³² Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 272.

livro em três partes: o Epílogo, Prólogo e um conjunto de Discursos. A estrutura e os *hapax legomena* do livro de Job oferecem uma singularidade significativa a este livro. Trata-se de uma estrutura onde se encontram vários estilos literários e, nela, distinguem-se pela sua dimensão os diálogos ou discursos, escritos em poesia, ocupando a maior parte do livro. O texto de Jb 16-17, nosso objeto de estudo, enquadra-se neste bloco poético do livro, agrupado na secção (3,1-42,6), onde toda a trama da história é desenvolvida.

O bloco poético do livro de Job tem seis momentos distintos: as palavras de Job (Jb 3), os discursos entre os amigos e Job (Jb 4,1-27,23), o hino à Sabedoria (Jb 28), afirmação da inocência de Job (Jb 29,1-31,40), discursos de Elihu (Jb 32,1-37,24) e os discursos de Deus (Jb 38,1-42,6). Os discursos com os amigos contemplam três ciclos de diálogos. Jb 16-17 situa-se no segundo ciclo (Jb 15,1-21,34), imediatamente a seguir à segunda intervenção de Elifaz e antes da segunda intervenção de Bildad. Job sente-se cansado das questões colocadas e das culpas apontadas por aqueles que supostamente o deviam confortar e não torturar. O seu desânimo perante tais consoladores, que mais afligem do que consolam, leva-o a questionar, a si mesmo, o que lhe adianta falar. As interrogações de Job levam-nos a questionar a formulação de Jb 16,3. Fará, aqui, Job referência às questões levantadas anteriormente pelos amigos? Qual a intensão do autor com este versículo?

II. ALGUMAS PERGUNTAS DOS AMIGOS DE JOB

São muitas as questões que os amigos dirigem, em tom de reprovação, a Job. Job cansa-se de ouvir tantas vezes as mesmas coisas, dizendo que já ouviu “mil discursos semelhantes,” e que os amigos são “todos consoladores importunos” (Jb 16, 2). Que discursos são esses? Que palavras repetem os amigos para que Job esteja tão cansado de as ouvir?

É isso que nós pretendemos avaliar neste ponto, comparando algumas das perguntas que os amigos dirigem a Job, nos dois primeiros ciclos de diálogos, com as feitas por Job em Jb 16,3.

1. AS QUESTÕES DOS AMIGOS

Os amigos aparecem centrados na defesa cerrada das tradições religiosas de Israel, nomeadamente, a doutrina da retribuição enquanto garante da justiça divina (cf. Jb 4,8-9; 8,3-4; 11,10-12). A importância dessa defesa pode ser avaliada pelo facto de que este é o único assunto abordado pelos amigos, no segundo ciclo de discursos (cf. Jb 15,20-27; 18,18-21; 20,4-5.15-19). Todos usam a mesma forma de o fazer. Um exemplo é a discricção insistente do destino dos ímpios (cf. Jb 15, 17-35; 18, 5-21; 20, 4-29). Mais do que em qualquer outra parte do livro, os amigos falam aqui a uma só voz e multiplicam-se em inúmeras questões (cf. Jb 4,17; 8,3; 11,7; 15,7-9; 18,3). Job escuta estas questões e elas parecem ter tido um impacto significativo nele (cf. Jb 6,2-3; 9,2; 12,2-3; 21,2-3).³³

Neste sentido, ocorre-nos considerar, nomeadamente, qual o impacto das perguntas feitas por Bildad (Jb 8,2); Sofar (Jb 11,2-3); Elifaz (Jb 15,2-3), na afirmação que Job faz em Jb 16,2-3, tentando intuir algumas consequências linguísticas e interpretativas.

³³ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 446.

1.1. AS QUESTÕES DE BILDAD?

8 ² Até quando falarás dessa maneira?

As palavras da tua boca são um vento impetuoso.

Bildad dirige-se a Job num tom muito brusco e pouco cortês. Irritado com o lamento de Job, começa por repreende-lo (cf. Jb 8,2-3).³⁴ Bildad começa o seu discurso, como a maioria dos oradores, com uma crítica às palavras do orador anterior (cf. Jb 6-7). A maneira como ele formula esta crítica faz eco das queixas de Job em Jb 6,26 contra os amigos, quando diz: “Pretendeis criticar palavras, considerar como vento as palavras de desesperado?”.³⁵ Bildad refere-se de forma importuna às palavras de Job como um “vento impetuoso”, um vento forte, chamando à atenção não só para o vazio que elas transportam, mas também e quase paradoxalmente, para a destruição inerente à sua vacuidade.³⁶ Mais comumente “vento” (rû^{ah}) conota algo insubstancial e vazio, mas Bildad muda a imagem tradicional ao referir as palavras de Job como um “vento forte” (w^erû^{ah} kabbîr).³⁷

Quando Bildad pergunta a Job “Até quando falarás dessa maneira? As palavras da tua boca são um vento impetuoso” (Jb 8, 2), ele expressa a sua ira para com Job, por este não ter aceitado a censura de Elifaz.³⁸ Ao perguntar “até quando” Bildad acusa Job por falar demais e por não ter compreendido a razão de todo aquele vendaval, e “*dessa maneira*” refere-se pejorativamente a todo o discurso de Job (Jb 6-7).³⁹

Bildad não consegue compreender a forma como Job reage, pois tem a concepção religiosa da retribuição, cada um recebe de acordo com as suas atitudes. O vento forte é considerado como algo mau, que tudo destrói por onde passa. E é assim que Bildad considera as palavras de Job, vazias de conteúdo que tudo destroem, assim como o

³⁴ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 155.

³⁵ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 400.

³⁶ Cf. *Ibidem*: “Calling Job’s words a “mighty wind” draws attention not only to their emptiness but also and almost paradoxically to the destructiveness inherent in their emptiness”; J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 155.

³⁷ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 400.

³⁸ Cf. R. ZUCK, *Job*, 43.

³⁹ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 155; Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J.L., *Job*, 167.

“furação se levantou das bandas do deserto e abalou os quatro cantos da casa, que desabou sobre os jovens e os matou.” (Jb 1, 19).

1.2. QUESTÕES FEITAS POR SOFAR?

11 ² As muitas palavras ficarão sem resposta,

Dar-se-á razão ao eloquente,

³ A tua vã linguagem calará os homens,

Zombarás sem que ninguém te repreenda?

Como os seus predecessores, Sofar, que é o último a falar, defende a teoria da retribuição individual e o seu modo é muito mais irascível, dirigindo o seu sarcasmo contra Job, que trata como um falador. A defesa apaixonada que Job acaba de fazer (Jb 9-10) é para ele a prova da sua palrice, portanto não o pode deixar sem resposta.⁴⁰

Embora o discurso de Sofar seja o mais breve entre os amigos, nele cristalizam-se os termos em que o conflito com Job será realizado. Ele acusa, sem rodeios, Job de pecador, começando com uma forte censura retórica superficial e até hostil (Jb 11,2-3), contrastando a falsa autoavaliação de Job com o profundo conhecimento que Deus pode revelar.⁴¹ Sofar ficou irritado com Job, por este ter afirmado a sua inocência e ao lutado simultaneamente contra Deus. A sua irritação é agravada pelo facto de Job fazer muitos gracejos, justificando-se perante todos os acontecimentos.⁴² Job é para Sofar um mero “falador” (Jb 11,2a), que profere um infinidade de palavras que nada dizem, não podendo acreditar que um homem tão “eloquente” (Jb 11,2b) se possa passar por inocente.⁴³

⁴⁰ Cf. S. R. TERRIEN, *Job*, 105.

⁴¹ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 418-19.

⁴² Cf. R. ZUCK, *Job*, 53.

⁴³ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 194.

1.3. QUAL É A PERGUNTA DE ELIFAZ?

15 ²Acaso responde um sábio com razões balofas,
e enche o seu ventre com vento leste,
³defendendo-se com razões inconsistentes,
ou com palavras sem sentido?

Iniciando com o mesmo estilo do seu primeiro discurso (Jb 4,2), Elifaz ataca abruptamente Job, que alegou possuir uma sabedoria que não conota uma vã ciência (Jb 12,3; 13,2). Elifaz é grosseiro e deliberadamente indica que o saber de Job não é só desprovido de fundamento e substância, é repugnante (cf. Jb 8,2). Acusa e não compreende o facto de Job falar de forma académica erudita e estéril nem de se tornar um mártir da sua própria vida.⁴⁴

Em Jb 15, 2-3, concentram se os termos da tradição sapiencial e do falar. O ventre lugar onde o homem guarda as suas informações (cf. Pr 18,8; 26,22), segundo Elifaz, não está cheio de conhecimento valioso, mas inchado de vento soalheiro, um vento assolador que se comprime no seu interior resultando daí as palavras vazias de sentido que saem da sua boca.⁴⁵ As palavras de Job são como “vento” (Jb 15,2) palavras vazias (cf. Is 41,29; Ecl 1,14) e até mesmo destrutivas como um vento forte (cf. Jb 1,19).⁴⁶ O vento leste, o siroco abrasador que sopra no deserto, inútil ou prejudicial, (Jb 15,2; cf. 8,2; 11,2).⁴⁷

1.4. HÁ SEMELHANÇAS NAS QUESTÕES?

Quando Job responde aos amigos em Jb 16-17, começa por dizer que já ouviu muitos discursos semelhantes, muito palavreado com o qual eles o importunam em vez de o

⁴⁴ Cf. S. M. TERRIEN, *Job* (Commentaire de l’Ancien Testament 13; Neuchâtel 1963) 125-26

⁴⁵ Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J.L., *Job. Comentario teológico y literario* (Madrid 1983) 242.

⁴⁶ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 449.

⁴⁷ Cf. M. H. POPE, *Job* (AnB 15), (New York, NY 1965) 108.

confortarem (cf. Jb 16,2). Continua dizendo que se as posições entre eles estivessem invertidas, também ele poderia ter a mesma atitude.

Esta forma de Job se dirigir aos amigos no seu todo e não a um individualmente, leva-nos a tentar perceber as semelhanças existentes entre os três oradores e as perguntas que Job faz em Jb 16,3.

| Questões de Bildad (Jb 8,2) | Questões de Job (Jb 16,3) |
|---|--|
| <p>Até quando falarás dessa maneira?
As palavras da tua boca são <i>um vento impetuoso</i>.</p> | <p>“Não há limite para <i>discursos vazios</i>?”
Ou ainda: “que mal te força a te defender?”</p> |

Pode perceber-se entre as perguntas de Bildad e as de Job as semelhanças existentes. As palavras consideradas como “vento impetuoso”, que nada transmitem senão destruição, podem assemelhar-se aos “discursos vazios” dos quais se fala em Jb 16,3a. Já a pergunta feita por Bildad, ao questionar Job sobre a forma como este fala e se tenta defender dos argumentos dos amigos, tem eco na questão apresentada por Job em Jb 16,3b.

| Questões de Sofar (Jb 11,2-3) | Questões de Job (Jb 16,3) |
|---|--|
| <p>As muitas palavras ficarão sem resposta,
dar-se-á razão ao eloquente,
A tua <i>vã linguagem</i> calará os homens,
zombarás sem que ninguém te repreenda?</p> | <p>“Não há limite para <i>discursos vazios</i>?”
Ou ainda: “que mal te força a te defender?”</p> |

As questões levantadas por Sofar em Jb 11,2-3, à partida parecem nada ter de semelhante com as de Jb 16,3. No entanto, podemos perceber algumas similaridades no sentido de ambas. Por exemplo a “vã linguagem” que Sofar questiona tem em si o sentido mesmo dos “discursos vazios” de Jb 16,3. E quando Sofar questiona a forma que Job tem de reagir aos discursos dos amigos, ou seja ao “zombar”, conota um sentido de defesa pela parte de Job.

| Questões de Elifaz (Jb 15,2-3) | Questões de Job (Jb 16,3) |
|---|---|
| Acaso responde um sábio com razões balofas, e enche o seu ventre com vento leste, defendendo-se com razões inconsistentes, ou com <i>palavras sem sentido</i> ? | “Não há limite para <i>discursos vazios</i> ?”
Ou ainda: “que mal te força a te defender?” |

Também as perguntas de Elifaz apresentam algumas semelhanças com as perguntas de Jb 16,3. Elifaz pergunta o que é que pode levar Job a se defender “com razões inconsistentes”, pergunta esta similar em sentido à de Jb 16,3b: “que mal te força a te defender?”. As “palavras sem sentido” e o encher “o ventre de vento leste”, que Elifaz questiona Job, tem o mesmo sentido de “discursos vazios” em Jb 16,3a. Um sábio que responde com “razões balofas, e enche o seu ventre com vento leste” é alguém que mais não faz que proferir “discursos vazios”, palavras vazias de sentido.

Ocorre, então colocar a pergunta: as perguntas proferidas por Job em Jb 16,3 serão dele, ou estará Job a citar o questionamento que os amigos lhe fazem?

2. SERÁ JB 16,3 UMA PERGUNTA DE JOB?

Chegados a este ponto, depois de termos visto as questões colocadas pelos amigos, que acusam Job de ter palavras vazias, coloca-se a pergunta: será Jb 16,3 uma pergunta de Job? Ou será uma citação que Job faz das questões colocadas pelos amigos?

16 ²Já ouvi muitos discursos semelhantes,
sois todos consoladores importunos.

³ “Não há limite para discursos vazios?”

Ou ainda: “que mal te força a te defender?”

Job reage fortemente ao escárnio dos amigos, afirmando vigorosamente o seu próprio valor dizendo: “Mas também eu tenho inteligência, — não sou inferior a vós —,” (Jb 12,3) e ainda “O que vós sabeis, eu também o sei e não sou em nada inferior a vós.” (Jb 13,2). Corajosamente, ele decide que a sua única esperança é ser ele mesmo a argumentar o seu caso diante de Deus, afirmando: “Mas é a Shaddai que eu falo, a Deus eu quero apresentar as minhas queixas.” (Jb 13,3). Job, quando começa a responder a Elifaz, em Jb 16-17, começa logo por dizer que já ouviu “muitos discursos semelhantes” e que os amigos são “todos consoladores importunos” (cf. Jb 16,2). Os discursos e as instruções piedosas que os amigos lhe apresentam servem apenas para aumentar a sua tristeza e não para consolar.⁴⁸

Que *palavras* são estas, então, que Job está tão farto de ouvir, ao ponto de chamar *consoladores importunos* aos amigos? Referir-se-ão às questões colocadas por Bildad (Jb 8,2) e Elifaz (Jb 15,2) e também por Sofar (Jb 11,2-3)? Job começa com uma crítica às palavras dos amigos, dirigindo-se a *todos* e não somente a um em particular. Em Jb 6,2, clamando o seu infortúnio, diz-lhes: “Ah, se pudessem pesar a minha aflição e pôr na balança meu infortúnio,”. Em Jb 9,2 após a intervenção de Bildad, ele começa por responder, abrindo com a concessão “Sei muito bem que é assim: poderia o homem justificar-se diante de Deus?” (Jb 9,2). Segundo J. E. Hartley, a expressão “*que é assim é*” refere-se à tese de Bildad em Jb 8,3: “Acaso Deus torce o direito, ou Shaddai perverte a justiça?”. A segunda parte de Jb 9,2 parece aludir referente à tese de Elifaz em Jb 4,17: “Pode o homem ser justo diante de Deus?”.⁴⁹ Job repreende os amigos pelo seu orgulho e insensibilidade. Usando formas plurais, Job dirige-se a todos com uma crítica mordaz, dizendo: “Realmente sois a voz do povo e convosco morrerá a Sabedoria.” (Jb 12,2).⁵⁰ Na verdade, em Jb 16,2.4-5, Job usa o plural, como faz sempre que se dirige aos amigos, porém em Jb 16,3 usa o singular. Uma vez que Job não se dirige ordinariamente aos amigos individualmente, poderá significar que Jb 16,3 represente a citação do que os amigos lhe disseram.⁵¹

⁴⁸ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 257.

⁴⁹ Cf. *Idem*, 166.

⁵⁰ Cf. *Idem*, 204.

⁵¹ Cf. C. A. NEWSOM, *Job*, 457.

Ao analisarmos Jb 16,3 verificamos que os *discursos vazios* equiparam-se às *razões balofas, palavras sem sentido e vento leste*, palavras proferidas por Elifaz, à *vã linguagem*, palavra proferida por Sofar e ao *vento impetuoso*, termo utilizado por Bildad. São sempre os amigos que utilizam estes termos em relação aos discursos de Job ao ponto de ele mesmo questioná-los desta forma: “Pretendeis criticar palavras, considerar como vento as palavras de desesperado?” (Jb 6,26). A própria mudança gramatical do plural para o singular não faz muito sentido no discurso de Job. Desde o início ele tem um discurso coerente, utilizando o plural quando se dirige aos amigos e o singular quando se dirige a Deus, dirigindo-se uma única vez a um só dos amigos em particular em Jb 26,2-4.

Outro aspecto que nos leva a questionar Jb 16,3 como alusão ao que lhe disseram os amigos, é a segunda parte do versículo: “Que mal te força a te defender?”. Ora, Elifaz questiona e interroga Job e não ao contrário. Job intervém sempre depois de uma intervenção dos amigos desde que os discursos iniciam em Jb 4. Como pode perguntar o que leva Elifaz a se defender, se quem está a ser atacado é ele? Pelo contrário, os amigos é que insistem com Job por causa deste facto, com expressões como “até quando falarás dessa maneira?” (Jb 8,2), “as muitas palavras ficarão sem resposta?” (Jb 11,2) e ainda “acaso responde um sábio com razões balofas, e enche seu ventre com vento leste, defendendo-se com razões inconsistentes, ou com palavras sem sentido?” (Jb 15,2-3). É Job quem tem razões para se defender dos “ataques” dos amigos que vieram para “compartilhar a sua dor e consola-lo” (Jb 2,11), e não os amigos, que o continuam a afligir e a magoar com palavras (cf. Jb 19,2).

Em algumas traduções podemos encontrar neste versículo a conjunção disjuntiva *ou*, e noutras a conjunção copulativa *e*. Ao analisarmos o texto reparamos que וְ é traduzido das duas formas, o que pode levar a que o texto tome um sentido oposto ao que o autor possa ter pretendido.⁵² Uma vez que o autor do livro de Job utiliza וְ⁵³ e não וּ, não

⁵² Segundo Alonso Schokel, וְ é uma conjunção disjuntiva que significa: *ou, bem... bem, seja... seja, ou bem*. Com negação significa *nem*. Já וּ é uma conjunção copulativa que une ou justapõe várias peças de um texto, palavras ou sentenças. Quanto ao conteúdo, o וּ não tem conteúdo próprio. Tudo depende das peças que une. Como copulativa simples significa *e*, une uma série de elementos homogéneos, substantivos, adjetivos, verbos, etc. Cf. L. A. SCHOKEL, *Diccionario Bíblico Hebreo-Español*, Edición preparada por V. MORLA y V. COLLADO, (Madrid 1994) 37.

quereria este dizer *ou* e não *e*, como algumas traduções apresentam, contradizendo o que diz R. Gordis quando equivale וְ = וְ.⁵⁴ Isto poderá levar a uma interpretação diferente de Jb 16,3 daquela pretendida pelo autor. Não será esse o caso ao se dizer que a pergunta é dirigida diretamente a Elifaz, e não que é uma pergunta retórica feita por Job citando o que os amigos lhe disseram anteriormente?

Com uma penetrante pergunta retórica, Job reutiliza de Elifaz a expressão *palavras de vento*, evocando a reprovação a que Elifaz aludira acerca do seu conhecimento vazio como um vento (Jb 15,2). Na qual se integra a réplica de Bildad de que as suas palavras são um vento forte (Jb 8,2).⁵⁵ Segundo Michael V. Fox, citações são palavras que, por um lado, são tomadas de outra fonte mas usadas como palavras de quem fala. São escritas para serem entendidas como pertencente a uma pessoa diferente daquela que falou primariamente, sem prestar atenção à sua fonte atual, e apenas repetida por ele. Há ainda uma diferença fundamental, apontada por Fox, entre os dois tipos de citação. No primeiro tipo as palavras são chamadas citação de acordo com a sua origem, no segundo de acordo com a maneira como são usadas no discurso.⁵⁶

Nas palavras de Edward Ho e num sentido mais convencional, citação pode referir-se a palavras que são pretendidas para se reconhecerem como originárias de uma fonte mas “reutilizadas” como palavras de quem fala. As palavras pronunciadas, no entanto, são escritas para serem entendidas como a voz do locutor principal, mesmo que a voz do texto precedente seja também invocada. Uma citação pode ser marcada por um *verbum dicendi*, com um verbo explícito de falar ou pensar. Além de um *verbum dicendi*, uma citação pode por vezes ser assinalada por marcas virtuais.⁵⁷

Para Fox os índices para a marcação de um discurso citado são: a) há um outro objecto para além do locutor principal presente na proximidade imediata da citação...; b)

⁵³ Procurando correspondências noutros textos do AT, podemos ver que neles a conjunção disjuntiva וְ é traduzida da mesma forma, ou seja, tem o mesmo significado *ou*. Em todos eles a versão dos LXX traduz וְ por η. Cf. Gn 24,49; 44,19; Dt 4,16; 27,22; 29,17; Lv 13, 24.48.51; 25,49; Ex 4, 11; Nm 5,30 ; 35,21.

⁵⁴ Cf. R. GORDIS, *The Book of Job: Commentary, New Translation and Special Studies*, (NY, New York 1978) “The equivalence may have been due to the dual meaning of Vav as “and” and “or”.” 174.

⁵⁵ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 257.

⁵⁶ Cf. M. V. FOX, “The Identification of Quotation in Biblical Literature”, ZAW 92 (1980) 417.

⁵⁷ Cf. E. HO, “In the Eyes of the Beholder: Unmarked Attributed Quotations in Job”, JBL 128/4 (2009) 703.

há um *verbum dicendi* virtual – um verbo ou substantivo que implica discurso; c) o interruptor para a perspectiva da voz citada é assinalado pela mudança gramatical de número e pessoa. Estes três sinais não são as únicas maneiras de definir uma citação, mas são os mais importantes.⁵⁸ Por seu lado, Edward Ho apresenta ainda mais um indicador de que um texto é citado, ou seja, a presença de um pronome deítico no discurso, este sugerido por Edward L. Greenstein⁵⁹. O número dos sinais são diretamente proporcionais com a probabilidade de que um discurso citado está presente.⁶⁰

Tendo em conta estes aspetos justifica-se a pertinência da pergunta e de uma tentativa de resposta: será Jb 16,3 uma citação que Job faz das perguntas que os amigos anteriormente lhe colocaram?

3. CONCLUSÃO

Olhamos para as questões dos amigos, questões que perturbam e que são todas do mesmo teor. Todos os amigos frisam a maneira de falar de Job, ou seja, as suas palavras e reações frente aos acontecimentos que o afetam. Todos criticam a maneira como reage ao sofrimento que lhe é infligido, baseando-se na doutrina da retribuição como justiça divina para com as infidelidades humanas. Job é acusado, por eles, de ter palavras vazias sem sentido. Esta forma de “consolo” não ajuda, em nada, Job. Pelo contrário, só o atormenta mais.

Bildad, irritado com a forma como Job se lamenta, repreende-o, num tom brusco e pouco cortês, com uma pergunta retórica aguçada, dando a entender que as palavras de Job são como vento. Sofar, o último a falar, defende de forma acérrima e irascível a teoria da retribuição individual. Ele acusa Job sem rodeios e, também ele, censura com uma pergunta retórica onde a linguagem de Job é posta em causa, agora como sendo vã,

⁵⁸ Cf. M. V. FOX, “The Identification of Quotation in Biblical Literature”, ZAW 92 (1980) 423;427.

⁵⁹ Cf. E. L. GREENSTEIN, “Truth or Theodicy? Speaking Truth to Power in the Book of Job”, PSB 27 (2006) 247, *in*, E. HO, “In the Eyes of the Beholder: Unmarked Attributed Quotations in Job”, JBL 128/4 (2009) 705.

⁶⁰ Cf. E. HO, “In the Eyes of the Beholder: Unmarked Attributed Quotations in Job”, JBL 128/4 (2009) 705.

equiparando-se a uma linguagem de vento, sem sentido. Por fim, Elifaz, ao iniciar o segundo ciclo de discursos, inicia-o com uma pergunta retórica, também esta fazendo menção às palavras de Job como sem sentido, na expectativa que Job se acanhasse e respondesse negativamente.

Job, por sua vez, responde a essas questões criticando num tom irônico o seu modo de falar. É a sua forma de se defender contra aquilo que os amigos esperam dele, que é reconhecer que é culpado da sua desgraça. Job parece, desta forma, pegar nas palavras dos amigos e dirige-lhes a pergunta que todos anteriormente lhe fizeram, para lhe dizer que não são aquelas as palavras de conforto que ele precisa, mas de alguém que o apoie e defenda, pois também eles poderiam estar na pele de Job e talvez não gostassem de serem tratados dessa forma.

Ao olharmos para Jb 16,3 podemos situar a mudança gramatical da segunda pessoa do plural (vv. 2 e 4) para a segunda pessoa do singular (v. 3). Encontramos também um *verbum dicendi* virtual no v. 3, quando é colocada a pergunta “que mal te força a te defender?”. Notamos ainda que há um outro objecto para além do locutor principal: “sois todos consoladores” (v.2), e encontramos também um pronome deítico “muitos semelhantes”.

Tantas são as perguntas retóricas que os amigos lhe colocam, esperando uma resposta negativa, que a resposta mais eficaz que Job pode dar é utilizar as mesmas perguntas retóricas que os amigos lhe fizeram.

III. ANÁLISE DAS PERGUNTAS FEITAS EM JB 16-17

1. TRADUÇÃO⁶¹

16¹ *Jó tomou a palavra e disse:*

² Já ouvi mil discursos semelhantes,
sois todos consoladores importunos.

³ “Não há limite para **discursos vazios?**”

Ou ainda: “Que mal te força a te defender?”

⁴ Também eu poderia falar como vós,
se estivésseis em meu lugar;
poderia acabrunhar-vos com discursos
levantando sobre vós a cabeça,

⁵ vos reconfortar com palavras,
e depois deixar de agitar os lábios.

⁶ Se falo, não cessa minha dor;
se me calo, **como** ela desaparecerá? ...

17¹ Meu **espírito** está quebrantado em mim,
e os coveiros se ajuntam para mim.

² Só as zombarias me acompanham,
sobre sua hostilidade pousam meus olhos.

³ Guarda contigo uma fiança em meu favor,
pois **quem**, senão tu, me apertará a mão?...

¹³ Ora, minha esperança é habitar no **Xeol**
e preparar minha cama nas trevas.

¹⁴ Grito à cova: "Tu és meu pai!";
ao verme: "Tu és minha mãe e minha irmã!"

¹⁵ Pois onde, onde então, está minha **esperança?**
Minha **felicidade**, **quem** a viu?

¹⁶ Descerão comigo ao **Xeol**,
baixaremos juntos ao pó? ...

⁶¹ Optamos por apresentar apenas a tradução das perguntas presentes em Jb 16-17 uma vez que é somente sobre estas perguntas que nos debruçamos no nosso trabalho. A tradução utilizada é da BÍBLIA de JERUSALÉM, *Nova edição Revista e Aumentada* (São Paulo, Brasil 2003²).

1.1. NOTAS RELEVANTES DE FILOLOGIA

A centralidade que oferecemos à pertinência da questão colocada por Job em 16,3 justifica que neste momento do nosso estudo nos centremos nas partículas interrogativas presentes nas questões de Jb 16-17. O objetivo é o de podermos observar e confirmar se são perguntas feitas pelo autor ou perguntas originadas pela interpretação e tradução do texto ao longo dos tempos.

O debruçarmo-nos, neste momento, sobre as partículas interrogativas, seu significado e forma, tem como objetivo elucidar-nos acerca das questões que aparecem no texto hebraico, nomeadamente em Jb 16,3. A língua hebraica não é fácil e as partículas interrogativas dão-nos uma ajuda na interpretação e leitura dos textos bíblicos, indicando-nos onde estão presentes as questões nos textos originais. A uma partícula interrogativa vai corresponder uma frase, podendo raras vezes aparecer mais que uma.

Em Jb 16,3 estão presentes as partículas interrogativas הֲ e הַמָּ separadas pela conjunção disjuntiva וְ, o que nos parece indicar duas questões em duas frases distintas e não numa só, como alguns tradutores apresentam.

הֲ *hã* - Partícula interrogativa. Esta partícula aparece sempre antes da primeira palavra da pergunta.⁶² Significa em português: por acaso...?, será que.?, ou simplesmente a entoação ou ainda os sinais gráficos. Aparece em Jb 16,3 na forma de interrogativa retórica: *Não há limite para discursos vazios?*⁶³

הַמָּ *mah* - Esta partícula interrogativa em perguntas diretas ou indiretas, próprias ou retóricas, significa: o que...?, qual...?, como...?, e constrói-se como sujeito ou complemento de um verbo, ou ainda como sujeito ou predicado de “ser” ou equivalentes, introduzindo um verbo com seu complemento.⁶⁴ Em Jb 16,3 a partícula é apresentada

⁶² Cf. Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português (Petrópolis-RJ, Brasil 2002¹⁴) 52.

⁶³ Cf. Dicionário Bíblico Hebraico-Português (São Paulo-SP, Brasil 1997) 165-166.

⁶⁴ Cf. *Ibidem*, 356.

como interrogativa direta, do tipo complemento + verbo: *Que mal te força a te defender?* Já em Jb 16,6 temos a partícula como interrogativa retórica: *Se falo, não cessa a minha dor; se me calo, como ela desaparecerá?*

מי *mî* - Partícula interrogativa indefinida *Quem...?*. Em Jb 17,3 esta interrogativa tem uso retórico e pede uma resposta negativa: *pois quem, senão tu, me apertará a mão?* Em Jb 17,15b a partícula interrogativa tem uso normal: *Minha esperança⁶⁵, quem a viu?⁶⁶*

הַיֵּשׁ *ʾayyēh* - Esta partícula é uma variante de *אֵי* *ʾēy*: *onde?* É uma interrogativa de lugar e em Jb 17,15a aparece como uma pergunta retórica: *Pois onde, onde então, está a minha esperança?⁶⁷*

De acordo com E. Jenni, somente aproximadamente metade das perguntas sobre o lugar «onde» no AT são autênticas. A maioria dos textos com *ʾayyēh* são perguntas retóricas, nas quais por diversas razões estilísticas se subentende a resposta «em nenhum sítio». Na linguagem viva da polémica profética e sapiencial, o retórico «onde?» é empregue em variados contextos, tratando-se de perguntas que não têm resposta e que se formulam como prova de que o conhecimento é limitado.⁶⁸

1.2. TRAÇOS PERTINENTES DE SEMÂNTICA

Além das partículas interrogativas ocorre contextualizar alguns termos importantes sublinhando o seu significado em Hebraico e no AT e o seu enquadramento nas perguntas

⁶⁵ A Bíblia de Jerusalém traduz este versículo a partir do grego, traduzindo por “minha felicidade”, deixando em nota que o hebraico repete “minha esperança”.

⁶⁶ Cf. Dicionário Bíblico Hebraico-Português, 371.

⁶⁷ Cf. *Idem*, 45-46.

⁶⁸ Cf. E. JENNI, *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. I (Madrid 1978) 206-207.

estudadas. Escolhemos três termos importantes no desenvolvimento de Jb 16-17: consolar/consoladores, falar e esperar.⁶⁹

נחם *nħm* - Consolar

Em Jb 16,2 o autor usa o termo *m^enaħãmê*, cujo radical é *nħm* aparece. Este termo é um *hapax legomena*, surgindo apenas no livro de Job. O radical *nħm* tem o significado geral de «consolar». É usado para nomes próprios no ugarítico, fenício e aramaico egípcio e, no aramaico judaico e palestino cristão como piel/pael, e também. Nos textos mais antigos e posteriormente o sujeito de *nħm* é uma pessoa; a ocasião, a morte de outra, ou outra causa mais geral de dor (Gn 50,21; Is 22,4; Rut 2,13; Jb 2,11; 7,13; 29,25; 42,11; Ecl 4,1). Nestas formas fixas estão implícitas a visita dos amigos de Job (Jb 2,11) onde o consolo pretende consistir em algo mais que simples palavras bonitas e impressionantes. As expectativas perante tais palavras expectantes podem sair frustradas por esforço inadequados e impotentes de consolação (cf. «consoladores importunos» Jb 16,2; «consolo inútil» Zac 10,2).⁷⁰

Com seres humanos a forma verbal quando está em piel rege muitas vezes um objeto pessoal direto. A desgraça de Job trouxe os seus amigos para que o confortassem (Jb 2,11), contudo recusar ser confortado não é uma decisão voluntária. Significa que a realização do confortar não está a ter o desenvolvimento esperado. Por exemplo a tentativa de conforto dos amigos de Job é, irrelevante (Jb 16,2) e fútil (Jb 21,34).⁷¹

Este termo *m^enaħãmê* surge em Jb 16,2 com uma conotação negativa, descrevendo as atitudes dos amigos, que se tornam importunos. O autor do livro de Job coloca, no entanto, na boca de Job a palavra reconfortar, dando a entender aos amigos que se a situação fosse inversa o comportamento dele em relação aos amigos seria também o inverso (cf. Jb 16,4-5). O único consolo que Job quer dos amigos é que escutem atentamente o que tem a dizer, depois podem fazer o que entenderem (cf. Jb 21,2-3).

⁶⁹ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 267.

⁷⁰ Cf. H. J. STOEBE, in, C. WESTERMANN, *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*. II (Madrid 1985) 88-91.

⁷¹ Cf. J. G. BOTTERWICK – H. RINGGREN, *Theological Dictionary of the Old Testament*. IX (Cambridge, U.K. 1998)

דבר *db̄r* - falar

O autor do livro de Job utiliza os termos *'ădabêrâ* e *'ădab^erâ* em Jb 16,4 e Jb 16,6, da raiz *db̄r*. Os lexicógrafos distinguem na raiz hebraica *db̄r* dois significados/raízes distintas: I «estar atrás, voltar as costas» e II «palavra, coisa». A raiz II aparece estranhamente separada e limita-se aos vocábulos frequentes *dābār*, «palavra, coisa» e *db̄r piel*, «falar, dizer». Etimologicamente dependente de *db̄r* II são também *dibrā*, «coisa», forma secundária de *dābār*, e *dibbēr* rara forma nominal do verbo; também *midbār* é dependente como *nomen instrumenti*, «órgão da fala, boca». Fora do hebraico a raiz emprega-se, raras vezes, em fenício-púnico e em aramaico imperial. Em aramaico bíblico a única palavra que aparece é *dibrā*, «ocasião» (Dn 2,30; 4,14).⁷²

O significado base de *db̄r piel* diferencia-se claramente do semanticamente vizinho *ḥmr*, «dizer, falar». Neste a atenção foca-se no conteúdo do que é falado, ao contrário do que acontece com *db̄r piel* onde se designa em primeiro lugar a ação de falar, pronunciar palavras e frases. O verbo *ḥmr* exige que se indique o conteúdo do falado ou, pelo menos, que este seja suficientemente caracterizado, não se empregando na forma absoluta. Já o *db̄r piel*, pelo contrário, pode ser empregue na forma absoluta e sem uma indicação prévia do falado (Gn 24,15; Jb 1,16; 16,4.6).⁷³

Em Jb 16,4 Job deixa claro aos amigos que falar como eles falam, quando se está numa situação confortável, é fácil. Dessa forma, também Job falaria e reconfortá-los-ia com palavras (cf. Jb 16,4-5). No entanto, para Job, não é o falar ou calar que faz cessar o que sente (cf. Jb 16,6). Por isso, Job quer que o clamor da sua oração subsista junto de Deus e não descansa enquanto não for atendido o seu pedido (cf. Jb 16,18-21).

תִּקְוָה *tiqwâ* - esperança

Em Jb 17,15 aparece o termo *tiq^ewâtî* significando esperança. Aparece duas vezes seguidas como que frisando a importância do termo. O substantivo *tiqwâ* deriva do verbo

⁷² Cf. G. GERLEMAN, in, E.JENNI, *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*. I (Madrid 1978) 614-616.

⁷³ Cf. *Idem*, 618

qwh. Este substantivo recorda o nome extra bíblico *qawwilyâ*, “esperança em Yahweh”, ou “Voz de Yahweh”. O substantivo ocorre 32 vezes no TM, 12 das quais em Jb. Em Jb 17,15 o segundo *tiqwâ* pode ser emendado para *tôhâ*, segundo J. Renz e W. Rolling. O hebraico tem vários verbos e substantivos que cobrem o campo semântico de esperança e expectativa. Além de *qwh*, estes incluem *hakâ*, *yahal*, *sabar*, e por último, mas não menos importante *batah*, mais comumente traduzido com *elpízein* pelos LXX. Assim como o verbo *qwh* denota um ato de expectativa na esperança que é sempre orientada para uma meta, o substantivo *tiqwâ* anuncia as esperanças e expectativas associadas com a duração e a qualidade da vida humana.⁷⁴

A morte, que põe fim a toda a esperança, e as expectativas para o futuro, que se referem exclusivamente a esta vida, são princípios fundamentais do AT, nunca abandonados no contexto da *tiqwâ*. Esperança e felicidade não descem ao Sheol (cf. Jb 17,15-16). É dificilmente um mero acidente o facto de que o verbo ocorra apenas na boca de Job (Jb 3,9; 6,19; 7,2; 17,13; 30,26) e que a palavra para esperança e expectativa totalmente ausente de Eclesiastes, exceto para o substantivo *bittahôn* em 9,4: “Ainda há esperança para quem está ligado a todos os vivos”.⁷⁵

Em Jb 16-17, a primeira vez que o termo aparece (cf. Jb 17,13) dá a noção de uma esperança conformada, resignada. Mas Job não é assim. Ele que não reclama, mas protesta (cf. Jb 3), não se pode ficar por uma esperança sem esperança, por isso pergunta por ela, duplamente, vincando a sua importância (cf. Jb 17,15). A esperança de Job está em Deus, a quem ele pede que se constitua seu fiador, perante a indiferença dos amigos (cf. Jb 17,3).

Porém não podemos esquecer que, ao contrário do Livro dos Salmos, o Livro de Job faz primeiro um uso mais frequente do substantivo do que do verbo esperar. Este uso do substantivo tende a destacar mais o objeto da esperança (o esperado) do que o ato de esperança (esperar) que é o coração da oração do salmista.⁷⁶

⁷⁴ Cf. J. G. BOTTERWICK – H. RINGGREN, *Theological Dictionary of the Old Testament*. Volume XV (Cambridge, U.K. 2006) 759-761.

⁷⁵ Cf. *Idem*, 761.

⁷⁶ Cf. F. MIES, *L'Espérance de Job*, (BETL 193) (Leuven 2006).

2. COMPOSIÇÃO DO TEXTO

Chegados a este ponto, tentaremos oferecer uma composição do texto a partir dos destinatários das palavras de Job, i. é a quem Job se dirige: os amigos e Deus.

2.1. ORGANIZAÇÃO

Depois de Elifaz discursar (Jb 15) Job toma então a palavra e responde (Jb 16,1). A palavra de Job é dirigida aos amigos e a Deus de diferentes formas ao longo dos capítulos 16 e 17. Em Jb 16,2-7a, Job dirige-se aos três amigos. Ele começa por utilizar a segunda pessoa do plural: “sois todos consoladores importunos” (Jb 16,2b), contudo há uma mudança de um “vós” para um “tu” no versículo 3, retomando o uso da segunda pessoa do plural nos versículos seguinte.⁷⁷

Job simplesmente ouviu “mil discursos semelhantes” (Jb 16,2a), discursos esses que ele pode agora estar a citar em Jb 16,3 (cf. Jb 8,2; 11,2-3; 15,2-3). Se estivesse no lugar oposto Job poderia fazer o mesmo que os amigos, falando-lhes com discursos sumptuosos e com desdém (cf. Jb 16,4-5). Mas de que serve a Job falar dessa forma? Será que a dor que sente desaparecerá se assim o fizer? (cf. Jb 16,6).

Porém, em Jb 16,7b-9b Job parece dirigir-se a Deus, falando dele como sua testemunha ao mesmo tempo que o apelida de acusador e perseguidor. Job começa por referir que alguém feriu “com horror” tudo o que o cerca (cf. Jb 16,7b). O mentiroso que o acusa tornou-se sua testemunha e levanta-se contra ele, acusando-o diretamente. Em Jb 16,9c-18 Job volta a dirigir-se aos amigos, falando dos inimigos que contra ele lançam o olhar e “se aglomeram em massa contra” ele (cf. Jb 16,9c-10). Segundo Job, ele foi entregue por Deus aos injustos e jogado nas mãos dos ímpios (cf. Jb 16,11). Transmitindo o que sente que Deus fez com ele, não poupando palavras contra Deus, porque fez dele seu alvo derramando seu fel por terra (cf. Jb 16,12-14).

⁷⁷ Esta mudança de pessoa no discurso leva-nos a questionar a possibilidade de este versículo 3 ser uma citação das palavras proferidas pelos amigos nos capítulos anteriores.

Job sente-se impotente perante este ataque de que é alvo demonstrando por metáforas o que sente, expressando a sua humilhação ao mergulhar o seu rosto no pó (cf. Jb 16,15). Apesar de atacado, Job sabe que não há violência em suas mãos e que a sua oração é sincera, e por isso chora (cf. Jb 16,16-17). E por se saber justo, Job clama: “Ó terra, não cubras o meu sangue, não encontre meu clamor um lugar de descanso!” (cf. Jb 16,18), pois enquanto o seu sangue não for coberto pela terra clamará por vingança (Gn 4,10; Is 26,21).

Job quer provar a sua inocência. Em Jb 16,19-22 apresenta esse esforço aos amigos, dizendo que tem “uma testemunha nos céus, e um defensor nas alturas;” (cf. Jb 16,19). É nesta testemunha, diante da qual as suas lágrimas correm, que Job confia para “que ele julgue entre o homem e Deus como se julga um pleito entre homens” (cf. Jb 16,20-21).

Em Jb 17,1-9, Job fala de si próprio e dirige-se a Deus. Falando de si mesmo em Jb 17,1-2, Job sente-se abatido e a única coisa que o acompanha são as “zombarias” e o fim dos seus dias que se aproxima. Ninguém apelará em seu favor. Deus é a sua única esperança, o seu fiador, e é a Deus que, perante a indiferença dos amigos, Job parece pedir que seja seu fiador, pois que lhe apertará a mão senão Deus? (cf. Jb 17,3-4).

Job volta a falar dele mesmo e do seu aspeto, pois a sua figura tornou-se objeto de sátira e produz assombro nos amigos que, à vista dos seus males, se edificam na justiça divina (cf. 17,5-8). Mas não desiste porque sabendo-se justo continua a caminhar.

Job, por fim, em Jb 17,10-16, dirige-se aos amigos, dizendo que eles não são tão sábios como se julgam (cf. Jb 17,10). Para Job ainda há alguma esperança, embora com tanto sofrimento nem sempre saiba onde a encontrar. Se a esperança de Job é “habitar no Sheol”, é gritar à cova que é seu pai e ao verme que é sua mãe e sua irmã, onde está então a esperança de Job? A sua felicidade quem a viu? (cf. Jb 17,13-15).

Em Jb 17,15, sendo que a esperança de Job está em Deus por aquilo que ele vem transmitindo, poder-se-ia dizer que Job pergunta: «Pois onde, então, está Deus? O meu Deus, quem o viu?»?

2.2. ASPETO FORMAL

Em Jb 16-17, as primeiras perguntas que nos aparecem são em Jb 16,3. Estas perguntas aparecem no início do discurso de Job, após este ter afirmado que as repetições de discursos não o confortam, pelo contrário tornam-se cansativos (cf. Jb 16,2). Seguidamente a estas perguntas (Jb 16,3), que nos parecem ser citações daquilo que os amigos tinham dito, como já foi referido anteriormente, Job continua a discursar para os amigos, como que querendo dizer que se estivessem em situações opostas, ele esperaria dar mais conforto do que aquele que recebeu (Jb 16,4-5).

Tentando justificar o tom da sua conversa (cf. Jb 6,26), Job questiona os seus “consoladores”, que apenas se interessam por seu caso com palavras, ele que sofre sem descanso quer fale ou quer esteja calado (cf. Jb 16,6). Por isso, ele decide continuar a falar, na esperança que Deus lance um olhar sobre ele, que brada aos céus um lamento de desespero temperado com uma réstia de esperança.⁷⁸

Em Jb 17,3, Job depois de pedir a Deus que lhe dê uma testemunha no céu, pergunta-lhe, com a esperança de quem sofre, se não for o próprio Deus a lhe estender a mão quem o fará? Esta pergunta, feita a Deus, oferece evidências de que a fé de Job em Deus permanece firme e que Deus é o defensor nas alturas, que Job falava em Jb 16,19.⁷⁹

Em Jb 17,15-16, aparecem-nos as últimas perguntas de Job, destes dois capítulos (Jb 16-17). Depois de se ver como “objeto de sátira entre o povo” (Jb 17,6), ou melhor, objeto de sátira dos amigos (cf. Jb 12,2), Job reprova a sabedoria e piedade convencionais que, os amigos lhe tentam impingir.⁸⁰ Job diz, em tom irónico, julgamos nós, que a sua “esperança é habitar no Sheol” (Jb 17,13a). Será mesmo essa a esperança de Job? Se assim fosse, que dizer de todo o esforço em ser feita justiça e ter uma testemunha a seu favor? Teria sido só linguagem vã e sem sentido como os amigos afirmavam.

No entanto, a leitura de Jb 17,13 pode ser feita no sentido de que se a sua esperança desce ao Sheol com Job, então com ele morrerá. Mas pode também querer dizer que esta

⁷⁸ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 258.

⁷⁹ Cf. *Idem*, 268.

⁸⁰ De acordo com as notas da Bíblia de Jerusalém, este versículo, traduzido como “realmente sois a voz do povo”, é um texto obscuro. Traduzido literalmente, segundo os tradutores, fica: “Na verdade sois o povo”.

esperança será o seu suporte no Sheol, uma vez que a esperança pode sobreviver à morte.⁸¹ Neste contexto, concluindo esta possibilidade com uma pergunta retórica, Job questiona acerca da localização da sua esperança (cf. 17,15-16), pela qual quer especificamente significar a reivindicação que pode ter como resultado a restauração da sua honra e sua saúde.⁸²

3. QUAL A PERGUNTA DE JOB?

Em Jb 16-17 são feitas várias perguntas que podem ser aglutinadas numa só: “longe de Ti, Senhor, onde está a minha esperança?” Olhando para o conjunto das perguntas (Jb 16,6; 17,3.15-16), presenciamos algum abatimento nas palavras de Job, mas ao mesmo tempo um forte sentimento de esperança e confiança em Deus, levando-nos a tomar a opção por aglutinar assim as perguntas. Esta opção tem em conta o facto de Jb 16,3 ser, para nós, tida como citação das perguntas dos amigos e não diretamente de Job, e por esse motivo não ser contemplada para a aglutinação.

Logo desde o início do livro, Job apresenta-se como um homem de esperança, um homem que confia, que coloca a sua vida em Deus: “se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males?” (Jb 2,10). No entanto, perante o sofrimento o homem desfalece, e Job não é diferente. Job questiona-se sobre qual o sentido de viver uma vida de sofrimento. Esta dúvida que surge em Job tem consequências profundas, atinge-o no seu íntimo, pois ele “quer saber” porque nasceu, porque foi acolhido e amamentado, porque é que viu a luz (cf. Jb 3,11-23), se iria padecer de todo o mal que o está a atingir.

Mas mesmo estas dúvidas não alteram a sua esperança. Job ao ser questionado por Elifaz, sobre o que é feito do homem que fortalecia os braços inertes e não se perturbava, onde está a sua esperança (Jb 4,3-6), responde com alguma ironia se estará errado por falar assim. Por não entender a forma como os amigos o tentam “consolar”, ele pergunta-lhes:

⁸¹ Cf. N. C. HABEL, *The Book of Job* (London 1985), 279.

⁸² Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 271.

“como podeis censurar-me e repreender-me?” (Jb 6,25), pois as suas palavras são sem sentido porque eles, seus consoladores, não podem pesar o que sente (cf. Jb 6,2-3).

Job sabe que o homem não pode justificar-se diante de Deus pela força, Deus é mais forte (cf. Jb 9,2.19), contudo pergunta se será possível apresentar as suas razões diante d’Ele, “Por que não perdoas meu delito e não deixas passar a minha culpa?” (Jb 7,21), afinal quem sou eu para Ti? Há uma esperança em Job inconfundível. Por um lado espera em Deus, o seu caluniador tornou-se sua testemunha (Jb 16,8), por outro sente-se abandonado pelo mesmo Deus, perguntando se Ele sente prazer em oprimi-lo (cf. Jb 10,3) e para que o criou.

Job sabe que foi Deus que fez todas as coisas e não ignora a sabedoria dos amigos (cf. Jb 12,3.9), mas questiona o porquê da aflição causada por parte destes, das suas vãs palavras (cf. Jb 19,2). Job mantém a esperança de ver Deus face-a-face, para que Ele mesmo lhe diga o porquê do seu sofrer, da sua agonia, uma vez que ele é íntegro. A esperança de Job desponta apesar do pouco tempo que julga restar, da transcendência de nada esperar, e até mesmo na sua ausência, na sua jornada, tanto no que diz respeito aos bens temporais, como no que respeita à sua relação com Deus. Job não pede que a sua situação seja restaurada, e para além de ter razão contra Deus, ele pede a Deus para se relacionar com ele, vinde o próprio Deus à sua presença.⁸³

Job sabe que não pecou, que é íntegro e que não há razão para o sofrimento de que padece, mas pergunta: “longe de Ti, Senhor, onde está a minha esperança? Porquê todo o meu sofrimento Senhor? Não conheces tu os meus caminhos?” E com todas estas questões colocadas a Deus, não deixa de transparecer a sua esperança, pois ele mesmo diz: “Que Deus me pese numa balança exata e reconhecerá minha integridade” (Jb 31,6). Job confia e espera em Deus, pois só numa atitude de esperança ele pode dizer, “Que poderei responder-Te?”

Com esta esperança que se funda no seu Defensor, no seu *gōʿēl*, a pergunta que resulta destes dois capítulos só poderá ser “longe de Ti, Senhor, onde está a minha esperança?” Esta pergunta de Job, é também a pergunta do povo que caminha, desanima,

⁸³ Cf. F.MIES, «Est-il d’espérer en Dieu? *L’énigme de Job*», in, F. MIES (éd.), F.S. MAURICE GILBERT, *Toute la Sagesse du monde* (Bruxelles 1999) 405.

sofre, mas que não perde a expectativa no Deus da Aliança do Sinai. Dentro da tradição sapiencial emergiu uma doutrina um tanto rígida sobre a recompensa que os sábios viam acontecer na realidade: boas ações atraem o bem, e ação má provoca o mal. Naturalmente, essa lei operava, em última análise, sob as vistas do Senhor, porque nada escapava da causalidade primordial e abrangente dele. Assim se podia entender a justiça divina: Deus não permitiria que o perverso ou insensato prosperasse, e abençoaria o bom ou sábio.⁸⁴

A esperança do AT indica sempre a expectativa de um bom futuro, desempenhando um grande papel na vida religiosa, tanto do povo como do indivíduo, porque a religião do AT era a religião de uma aliança que incluía determinadas promessas. A esperança está estreitamente ligada com a fé, com a qual em algumas ocasiões caminha lado a lado.⁸⁵ Nos salmos encontramos esta certeza da pergunta de Job: “E agora, Senhor, o que posso esperar? Minha esperança está em ti!” (Sl 39,8) Pois sem Deus que pode Job esperar, que pode o homem esperar? Longe de Deus, onde está, então, a esperança?

⁸⁴ Cf. R. E. MURPHY, *Jó e os Salmos*, (São Paulo-SP, Brasil 1985) 76.

⁸⁵ S. de AUSEJO, (éd.), *Diccionario de la Biblia* (Barcelona 1963) 602.

IV. HÁ ESPERANÇA PARA JOB NO MEIO DO SOFRIMENTO?

1. LEITURA TEOLÓGICA

A leitura teológica visa resolver o problema da teodiceia. Job lamenta que a criação seja dominada pelo caos, ou que o criador seja um traíçoeiro que gosta de fazer sofrer os outros (Jb 9,23). No entanto não é assim. Deus preocupa-se com a sua criação e está empenhado em defendê-la contra o caos. Portanto a demonstração estridente de todo o poder divino em Jb 38-41 não fazem somente progredir a discussão, mas iluminar o desempenho de Deus, onde Job se limita a reconhecer: “Eis-me deveras pequeno; que é que vos posso responder? Porei minha mão sobre a boca” (Jb 40,4).⁸⁶

O juízo pronunciado sobre o sofrimento responde à forma como nós nos apresentamos e suportamos a nossa própria sensibilidade. O sofrimento é um mal que não deveria ser. Desde logo sabe-se que é universalmente aceite que “o homem nascido de mulher tem uma vida breve e repleta de miséria” (Jb 14,1; cf. Eclo 40,1-9), porém não se resigna a isso. Conserva-se a opinião que a sabedoria e a vida são passageiras, que a saúde é um benefício de Deus e por essa razão o louvamos e lhe pedimos (cf. Jb 5,8; 8,5ss).⁸⁷

Sufrimento significa objetivamente um mal que atenta contra a vida e bem-estar do homem; subjetivamente significa a percepção desse mal, dor, pena. O homem piedoso do AT sofre particularmente pela necessidade do seu povo, não por ele mesmo (cf. Ex 5,22; 2Sm 1,11-27). Dado o carácter passional do oriental, uma dor profundamente sentida afeta não só o corpo como também o espírito do homem. A dor é colocada em relação com determinados órgãos, ossos, entranhas (cf. Jb 16,3; Lam 3,12ss). O sofrimento move a quem o sente a proferir expressões de ira e imprecações (cf. Sl 35,4-8; Jb 3) e pode conduzir ao desespero e fastio da vida (cf. Jer 15,10; Jb 3; 6,8-10; 11,20; 16).⁸⁸

⁸⁶ Cf. T. ROMER, J.-D. MACCHI, et C. NIHAN (éd.), *Introduction à l'Ancient Testament*. (Genève 2009) 597-598.

⁸⁷ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulario de Teología Bíblica* (Barcelona 2001¹⁸) 873.

⁸⁸ Cf. J. B. BAUER, *Diccionario de Teología Bíblica* (Barcelona 1967) 995-996.

Sem dúvida alguma que no sofrimento se sabe distinguir aquilo que comporta algumas explicações. O capricho com que a morte cai de improviso e sobre as mais diversas condições, é algo que se sente dolorosamente (cf. Jb 21,28-33) mas que não está ao nosso alcance impedir. Todavia, nenhum dos motivos, nem a natureza, nem o azar, nem a fatalidade da vida do homem (cf. Jb 4,1ss; cf. Jb 4,7), nem a estigmatizante fecundidade do pecado, nem a maldição, nem mesmo Satã se sobrepõem ao poder de Deus.⁸⁹

O homem do AT não oculta a sua dor, mas dá-lhe rédea solta no que toca ao pranto e às queixas apaixonadas. O AT considera como causa mais profunda da dor a perturbação que se gera na relação entre Deus e o homem devido ao pecado. A dor significa, certamente, uma tentação e até o piedoso se revolta transitoriamente contra Deus (cf. Jb 7,12; 9,22; Lm 3,10).⁹⁰

Job por não compreender o porquê do seu sofrimento, o porquê de tantos tormentos e perdas, inicia ele mesmo um processo contra Deus e intima-O a se explicar (cf. Jb 13,22-24; 23,1-7) para que saiba do que é acusado e se possa defender. O sofrimento rompe a resistência contra Deus, fazendo com que o homem se arrependa e confesse a sua culpa. Da mais amarga dor nasce a ansia de se unir mais intimamente com Deus (cf. Sl 17,15; Jb 19,27; 29,2-5).⁹¹ E no entanto, perante as piores catástrofes, o pessimismo nunca triunfou em Israel e é muito significativo o facto de que o autor de Job não possa terminar o livro com uma nota de desesperança, como não o faz o melancólico Eclesiastes, que aconselha, apesar de tudo, a se alegrarem da vida, e nem sequer nos profetas mais ensombrados, nos quais se descobre sempre uma réstia de esperança e de felicidade. Profetas e sábios desfeitos pelo sofrimento, todavia sustentados pela fé, entram progressivamente no mistério de Deus (cf. Sl 73,17).⁹² Aprendem a acolher no sofrimento a revelação de um desígnio divino que confunde (cf. Jb 42,1-6; 38,2). Antes de Job, José reconhecia, esse desígnio de Deus, diante dos seus irmãos (cf. Gn 50,20). O sofrimento, incluído pela fé no desígnio de Deus, vem a ser uma prova de alto valor que Deus reserva aos servidores dos

⁸⁹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulario de Teología Bíblica* (Barcelona 2001¹⁸) 873-874.

⁹⁰ Cf. J. B. BAUER, *Diccionario de Teología Bíblica* (Barcelona 1967) 995-996.

⁹¹ Cf. *Idem*, 996.

⁹² Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulario de Teología Bíblica* (Barcelona 2001¹⁸) 874.

quais está orgulhoso, Abraão (cf. Gn 22), Job (cf. Jb 1,11; 2,5), Tobias (cf. Tob 12,13) para lhes ensinar o valor de Deus e o quanto se pode sofrer por Ele.⁹³

2. A PERGUNTA DE JOB E O SOFRIMENTO

Até onde no seio do mais atroz sofrimento, é preciso ir para que o homem desespere em absoluto ou não? Até onde aguenta a fidelidade, não apenas a Deus ou ao homem, mas a fidelidade à fidelidade, fidelidade como que absolutamente desmaterializada e independente de qualquer outra referência que não a de ato de amar o amor pelo amor, um amor puro do puro amor?⁹⁴

Quando Job pergunta pela sua esperança, vai muito mais longe do que simplesmente querer saber onde está. Contrariamente ao que se possa pensar, Job não limita a sua esperança a habitar no Sheol e preparar a sua cama nas trevas (cf. Jb 17,13). Job que anteriormente e para além do sofrimento, no e com o sofrimento, se transformou em promessa, promessa que desafia Deus a cumprir a sua promessa, ou seja, a manifestar a sua bondade, demonstrando que Job é bom e nada fez de mal para que o sofrimento o tenha atingido, não se pode ficar por esperar a morte.

Job não se queixa de ou por sofrer: queixa-se de sofrer sem razão aceitável, questionando-se que tipo de Deus é quem tortura sem uma razão aceitável. E, para ele, um deus assim não é Deus, não é o Deus a quem ele recorre e confia. É contra este deus que não é Deus, em nome de um Deus outro, bom que Job se insurge.⁹⁵ E é por se insurgir contra uma imagem, uma aparência de Deus, inferida a partir do seu próprio sofrimento, imagem de um deus carrasco e impiedoso e injusto, em quem Job não acredita, que ele pode, perante o seu sofrimento, perguntar: longe de ti, Senhor, onde está a minha esperança?

⁹³ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulario de Teología Bíblica*, 874.

⁹⁴ Cf. A. PEREIRA, “O crisol da bondade. Do ser, para aquém do bem e do mal (Breve comentário ao Livro de Job).” *ITINERARIUM, RQC 177* (Lisboa 2003) 504.

⁹⁵ Cf. *Idem*, 518.

O seu sofrimento existe, apesar desta bondade (bondade que, Job acredita com todo o seu ser, é fruto da relação com Deus). Absurdamente convive com ela. Job sofre, apesar de a sua oração ser pura e nele não haver violência (cf. Jb 16,16-17). Todavia, Job compreende que o seu sofrimento não é vão ou em vão. No mais íntimo do seu ser, sabe que este seu sofrimento testemunha em seu favor diante de Deus e que o próprio Deus é testemunha quer do seu sofrimento quer da sua pureza e, portanto da injustiça da sua situação (cf. Jb 16,19-20).⁹⁶

Só acreditando nesta bondade de Deus, contra todas as aparências, Job pode confiar na sorte do testemunho que o seu sofrimento terá junto da testemunha privilegiada que é Deus.⁹⁷ E é com essa confiança na bondade de Deus que Job vocifera: longe de ti, Senhor, onde está a minha esperança? Já não é um lamento de dor ou angústia, mas um brado de confiança num Deus a quem ele desafia não pelo desafio em si, mas porque se sabe inocente e injustiçado. A esperança de Job orienta-se para Deus, e é o sofrimento que o faz aperceber-se disso, pois sem sofrer não teria a necessidade de “descobrir” este Deus.

Enquanto se afirma de uma ponta à outra a responsabilidade divina pelo infortúnio (cf. Jb 2,3; 42,11), o livro de Job oferece uma consolação na intercessão (cf. Jb 42,8). Job exprime uma teologia da cruz antes do nascimento de Cristo.⁹⁸

3. HAVERÁ ESPERANÇA?

Na Bíblia, esperança é percebida como um dom de Deus. Deus não é somente alguém a quem o homem recorre, alguém que o homem espera, é alguém que oferece ao homem a possibilidade do esperar. Deus não é apenas o objeto da esperança, mas a sua razão. “Só em Deus descansa a minha alma, porque dele vem a minha esperança” é o que nos diz o salmista no Salmo 62,6, que perante os que o tentam confirma que Deus é a origem do que ele recebe, que percebe a sua esperança em Deus como um dom do próprio

⁹⁶ Cf. A. PEREIRA, “O crisol da bondade. Do ser, para aquém do bem e do mal (Breve comentário ao Livro de Job).” *ITINERARIUM, RQC 177* (Lisboa 2003) 520.

⁹⁷ Cf. *Ibidem*.

⁹⁸ Cf. T. ROMER, J.-D. MACCHI, et C. NIHAN (éd.), *Introduction à l’Ancient Testament*. (Genève 2009) 597-598.

Deus, compreendendo que a confiança que o orienta para Deus lhe vem de Deus mesmo. Também o livro das Lamentações nos coloca perante essa esperança. Se por um lado o autor diz: “Adeus ventura para mim, e quanto esperava do Senhor!” (Lam 3,18), desconfiando momentaneamente, acaba, por outro lado, corrigindo ao refletir: “Mas eis o que repassei na minha mente, para retomar esperança: que as misericórdias do Senhor não estão esgotadas” (Lam 3,21-22a), pois o pensamento na misericórdia infinita de Deus, faz com que a esperança nunca se perca.⁹⁹

Job não se exprime da mesma forma que o salmista, nem mesmo como o autor do livro das Lamentações. Contudo apercebemo-nos que em Jb há como que um enigma em relação à fonte desta esperança, que podemos aplicar originada em Deus.¹⁰⁰ O Deus a quem Job se dirige é, por um lado, aquele que ele imagina como o Deus arqueiro, o Deus selvagem, mas por outro lado, é aquele que se revela a ele. O Deus bom que Job espera é aquele que se lembra dele, que cobre as suas faltas, que o deseja e, sobretudo, o Deus *gōʿēl* que ele verá, que ele não pressentirá por imaginação mas por revelação.¹⁰¹

Job tem uma forte esperança apesar de sobre ele pesar um grande sofrimento. Mas a sua esperança, embora em alguns momentos não a “encontre”, ele não a perde totalmente. E essa esperança reside em Deus. Deus que ele elege como sua testemunha no céu, como testemunha que vai interceder e comprovar a sua inocência. Job confia neste Deus e nele deposita a sua esperança, pois só Ele o pode segurar pela mão para que não caia no Sheol.

A esperança liga-se à vida e não à morte. Se a esperança estivesse no Sheol, seria vã a esperança de Job. Contudo, Job acredita na vida para lá da morte, pois só assim se compreende que diga que faz do Sheol a sua morada, porque só os vivos habitam em algum lugar. Há alguns indicadores no AT onde se acredita que o Sheol é composto por casas, cada uma com portas e janelas, o que sugere que as pessoas consideravam a morte como viver em casas no outro mundo.¹⁰²

⁹⁹ Cf. F. MIES, *L'Esperance de Job*. (BETL 193) (Leuven Belgium 2006) 559.

¹⁰⁰ Cf. *Ibidem*.

¹⁰¹ Cf. *Ibidem*.

¹⁰² Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 271.

Para que o amor germine, tem que haver verdade na justiça. No seu trabalho de redenção, Deus é motivado pelo amor e por atos de verdadeira justiça.¹⁰³

No que toca ao sofrimento que padecemos é sempre Deus o culpado. E perguntamos: “onde estava Deus para que isto acontecesse? Porque não fez Ele nada, para impedir isto?”. À questão “onde está Deus quando Job sofre?”, não pode haver outra resposta que não seja: “está onde deve estar, na distância absoluta que, única, permite o absoluto de liberdade, que permite que Job possa ser”. Este aparente abandono, sem sombra de qualquer dúvida dolorosa, é a fonte de todo o sofrimento, pois transforma em sem-sentido, pelo menos aparente e temporário, a dor que habita o ser do provado. Como é óbvio, se Deus estivesse presente, a dor de Job nunca seria sofrimento, mas apenas mera dor, pois haveria sempre um fim de bem possível para o ser humano doloroso, fim que é sempre o mesmo Deus presente, dado na presença de Deus.¹⁰⁴

O sofrimento, por mais terrivelmente penoso que seja, só é um mal se não houver qualquer esperança possível. Ora, tal não é, manifesta e assumidamente, o caso da narrativa de Job.¹⁰⁵ O sofrimento só pode existir como ausência da possibilidade infinita de sentido e, na narrativa, esta possibilidade é Deus. Não quer isto dizer que seja necessário o sofrimento. Quer antes dizer que é necessária a possibilidade do sofrimento.¹⁰⁶ Quando há ausência de uma possibilidade infinita, ausência de Deus, a esperança não subsiste, dando lugar ao vazio, à impossibilidade de reagir perante o sofrimento. O sofrimento é o mal sentido, é a inteligência do absoluto da ausência de um sentido maior para sempre morto e para sempre irresgatável, na ausência de infinitude atual de sentido: Deus.¹⁰⁷ Job, um homem íntegro e reto, temente a Deus e que se afastava do mal (cf. Jb 1,1), passa por um processo doloroso de maturação, com momentos de grande desconforto que o levam a perguntar pela sua esperança (cf. Jb 17,15-16). Mas nem por isso Job deixa de esperar em Deus. É nele que reside a sua esperança: “Eu sei que meu Defensor está vivo e que no fim

¹⁰³ Cf. J. E. HARTLEY, *The Book of Job*, 264.

¹⁰⁴ Cf. A. J. P. PEREIRA, “Job e as Questões Fundamentais da Humanidade”, *ITINERARIUM, RQC 202* (Lisboa 2012) 75.

¹⁰⁵ Cf. *Idem*, 69.

¹⁰⁶ Cf. *Idem*, 75.

¹⁰⁷ Cf. *Idem*, 76.

se levantará sobre o pó: depois do meu despertar, levantar-me-á junto dele, e em minha carne verei a Deus” (Jb 19,25-26).

Existe um crescimento progressivo da esperança em Job, não se tratando de uma explicação racional e objetiva do sofrimento, mas de uma possibilidade de conseguir uma linguagem adequada sobre Deus partindo do próprio sofrimento.¹⁰⁸ As questões que Job coloca a Deus sobre o sentido do sofrimento, no fundo as nossas próprias questões, não devem ser entendidas como sinal de uma crise de fé, de falta de esperança, mas compreendidas no sentido de confirmar a relação com Deus. A resposta ao «porquê» e «para quê» do sofrimento à luz de um novo conceito de Deus é ensaiada no livro de Job, e dada não filosoficamente mas de forma poética. O abandono de Deus que Job experimentou e que constituía o ponto de partida de todas as lamentações do AT (cf. Sl 22,44; 119), tornou-se no problema do próprio sofrimento. Utilizando formas típicas das lamentações, Job não apresenta apenas a sua situação de sofrimento, mas encarna a experiência de todos os «justos» do Povo, que sofreram e procuram a salvação.¹⁰⁹

A resposta ao problema do sofrimento encontra-se na passagem da ausência de Deus para a experiência da sua resposta às necessidades do homem. Em todo o seu questionamento para entender o sofrimento, para saber o porquê do sofrer, Job não denunciou a sua relação com Deus, e também Deus não o fez. A justiça que Job procurava, reside nesta relação entre duas pessoas, entre o homem e Deus. A justiça e integridade reivindicada por Job não designam ausência do pecado (Jb 14,4; 9,2), mas uma exigência da relação contraída entre Deus e o homem no próprio ato da criação.¹¹⁰

¹⁰⁸ Cf. J. A. P. TEIXEIRA, “O Mistério do Sofrimento: Problemas e Possibilidades”, DIDASKALIA, XXX (Lisboa 2000) 105.

¹⁰⁹ Cf. M. I. ALVES, “O Sentido do Sofrimento na Sagrada Escritura”, COMMUNIO, RIC (Lisboa 1988) 489.

¹¹⁰ Cf. *Ibidem*.

CONCLUSÃO

Terminamos o nosso trabalho olhando para Job como o modelo de homem que é em tudo igual ao ser humano comum. Em Job está presente a humanidade inteira.

O nosso trabalho quis visar a experiência do sofrimento de Job; a forma como os amigos, que supostamente o vieram confortar, o afligem com uma visão muito justiceira acerca do sofrimento como castigo; e visar, sobretudo, a esperança que Job demonstra ter, que ao fim ao cabo é a esperança que toda a humanidade anseia no seu íntimo. Todo o homem espera por um Redentor, por Alguém que estenda a mão e o segure.

O livro de Job apresenta-nos, em tons diferentes de poesia e prosa, de poema épico ou debate da sabedoria. Apresenta-nos a eterna “aliança” entre o sofrimento e a esperança. Job que se debate com o porquê do sofrimento, o porquê de Deus o fazer passar por aquele tormento, vê-se ao mesmo tempo emerso em esperança nesse mesmo Deus. Esperança essa que leva Job a compreender e a aceitar os desígnios de Deus, aceitando das mãos de Deus os bens e os males (cf. Jb 2,10), reconhecendo que falou levianamente (cf. Jb 40,4).

O livro de Job é, pela sua estrutura simples e pelas muitas palavras únicas que apresenta, um livro irrepetível, surpreendente e inquietante, uma obra-prima literária, que agita internamente aqueles que o leem. A obra-prima literária, que é o Livro de Job, corresponde, na sua estrutura, segundo alguns autores, a um esquema de metáfora jurídica. Esta forma de estruturar o livro carrega em si a origem de alguns debates e dificuldades de interpretação. E nesta dificuldade de interpretação estão incluídos os discursos entre Job e os amigos, que são essencialmente disputas para fazer prevalecer uma ideia concebida da justiça divina de retribuição de bens e males segundo a vida que o homem leva no mundo.

Job depois de romper o silêncio, em Jb 3, num grito de lamento, é abalroado pelas palavras dos amigos que o deveriam consolar e não afligir. E assim se inicia um “jogo” de troca de palavras, de perguntas e respostas, de opiniões pré-concebidas, entre os três amigos e Job, ao longo de três ciclos de discursos. Jb 16-17, objeto do nosso estudo, inserido no segundo ciclo, no nosso entender centralizam os discursos.

É em Jb 16-17 que Job “explode”, farto de escutar sempre a mesma coisa, de ouvir, dos três amigos, palavras semelhantes, que levam sempre à mesma conclusão: Job é

culpado pelo que lhe está a suceder. Mas que palavras semelhantes são estas, que levam Job a chamar consoladores importunos aos amigos? Jb 16,3 dá essa resposta. Job está cansado que lhe digam que as suas palavras são vazias, que não têm sentido. Está cansado de ter que se defender dos “ataques” infligidos pelos amigos. E são as questões disparadas e as culpas que os amigos lhe apontam, que o desanimam e o levam a responder e a se defender. Ao ler este desânimo de Job, que é um homem bom e nele não há pecado, que nos interrogamos se Jb 16,3 será uma pergunta feita por Job aos amigos, ou uma pergunta retórica, da qual ele não espera resposta, citando o que eles interrogaram ao longo dos discursos (Jb 8,2; 11,2-3; 15,2-3).

A conclusão a que chegamos, é que pode de facto ser uma citação. Olhando para Jb 16,3 situamos uma mudança gramatical da segunda pessoa do plural para a segunda pessoa do singular; encontramos um *verbum discendi* virtual ao ser colocada a pergunta: “que mal te força a responder?”; ainda podemos notar um outro objeto para além do locutor principal: “sois todos consoladores importunos”; e encontramos um pronome deíctico “muitos semelhantes”.

Job está a responder aos amigos, após a intervenção de Elifaz, que o enchem de perguntas e considerações. O facto de haver a mudança gramatical, da segunda pessoa do plural para a segunda do singular, vem reforçar a nossa percepção quanto a Jb 16,3 ser uma citação. Além disso, é Job que responde e, quando o faz, fá-lo em forma de defesa dos “ataques” de que é alvo. São os amigos que, no seu questionamento, o levam a perguntar se eles pretendem criticar as suas palavras e a considerar como vento as palavras de desespero que Job profere (cf. Jb 6,26). Deste modo, quando Job pergunta: “Não há limite para discursos vazios”, está citando, em palavras semelhantes, que está farto de escutar, os discursos dos amigos que lhe dizem que as suas palavras “são um vento impetuoso” (Jb 8,2), que é “vã linguagem” (Jb 11,3), “razões balofas” (Jb 15,2) e “palavras sem sentido” (Jb 15,3).

“Que mal te força a te defender” é a pergunta, noutras palavras, que tantas vezes os amigos lhe fizeram, como por exemplo: “Até quando falarás dessa maneira” (Jb 8,2), “As muitas palavras ficarão sem resposta” (Jb 11,2) ou “Zombarás sem que ninguém te repreenda” (Jb 11,3), ou ainda “Acaso responde um sábio com razões balofas, [...]”

defendendo-se com razões inconsistentes” (Jb 15,2-3), e que Job agora cita, porque só ele tem razões para se defender de tantos “ataques” que é alvo. Mas serão totalmente vazias as perguntas de Job?

Na língua hebraica nem sempre foi fácil interpretar a escrita dos textos bíblicos, visto que a escrita era feita somente com consoantes e sem vogais. Quando os textos bíblicos começaram a ser copiados, devido à difícil conservação dos papiros em que estavam escritos, os massoretas, para uma melhor interpretação e mais fácil leitura, acrescentaram ao texto pequenos sinais que servem de vogais. As partículas interrogativas dão-nos, na escrita hebraica, uma ajuda nessa interpretação e leitura dos textos bíblicos, indicando-nos onde estão presentes as questões nos textos originais. Nas traduções que se têm feito, há sempre, por parte dos tradutores, uma interpretação e percepção, na forma de leitura, de questões que o texto pode ter, mesmo que nele não haja partículas interrogativas. A cada partícula interrogativa corresponde uma frase, podendo por vezes aparecer mais que uma, o que é raro.

Job, em Jb 16-17, destina as suas palavras, que são tidas como vento e vazias, aos amigos e a Deus. Aos amigos que o vieram consolar, mas nada têm feito, Job dirige-lhes palavras, talvez um pouco duras, mas com a franqueza de um homem que, sofrendo, não deixa a sua esperança desaparecer. Job fica confuso com as investidas dos seus amigos que o tentam calar com as suas teorias. Para Job calar não resolve os seus problemas nem faz desaparecer a sua dor. Falar pode não aclamar a sua dor, mas transmite o seu sentimento. E, certamente, não falaria da mesma forma que os amigos se estes estivessem no seu lugar. Quem passa pelo sofrimento, sendo justo e bom como Job o era, não quer para os outros o mesmo padecimento, nem o mesmo “consolo” que Job está a ter.

É essa forma de pensar que leva Job a querer uma resposta da parte de Deus. Não um ajuste de contas frontal, mas uma resposta de confiança a alguém que se firma na esperança de ter no céu uma testemunha a seu favor. Essa esperança de Job supera o próprio sofrimento e mesmo que desça ao “Sheol”, lá nas profundezas, persevera a esperança do encontro com o seu *gōʿēl* face a face. Job questionou os amigos, não esperando seles qualquer resposta, pois eles, nada lhe têm dito que o ajude. E é para que eles se apercebam disso que Job lhes cita as perguntas por eles feitas a Job.

Em Jb 16-17, as perguntas feitas por Job, podemos aglutina-las numa só pergunta: “longe de ti, Senhor, onde está a minha esperança?” Job pede a Deus que o segure pela mão, pois é ele o único que o pode segurar e não deixar perecer. É nele que Job funda a sua esperança. Sem ele, onde está a esperança de Job? De que serve esperar, se não for para encontrar o seu Defensor? A esperança de Job é despontada pela percepção de que a sua vida chega ao fim e de que nada espera para si, a não ser ver o próprio Deus. Ele sabe que nada fez de mal para sofrer, mesmo assim nada mais pede que Deus venha à sua presença. Não para um ajuste de contas, mas para que o próprio Deus, o seu *gō'ēl* se relacione com ele.

Na medida em que foi possível alcançar os resultados do que nos propusemos atingir foram alcançados. Conseguimos perceber que as palavras de Job não são vazias de conteúdo ou sentido. Estão repletas de esperança no meio de todo o sofrimento. Job espera contra toda a esperança e é isso que faz dele um “homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal” (Jb 1,8).

ANEXOS

ANEXO 1

O Livro de Job

I. Prólogo (1-2)

- A. Introdução de Job (1,1-5)
- B. Primeira cena no céu (1,6-12)
 - C. A desgraça de Job (1,13-22)
- B'. Segunda cena no Céu (2,1-7a)
 - C'. Aflição física de Job (2,7b-10)
- A'. Introdução dos três amigos (2,11-13)

II. Maldição/Lamento de Job (3)

III. Diálogo

- A. Primeiro Ciclo (4-14)
 - 1. Elifaz (4-5)
 - 2. Job (6-7)
 - 3. Bildad (8)
 - 4. Job (9-10)
 - 5. Sofar (11)
 - 6. Job (12-14)
- B. Segundo Ciclo (15-21)
 - 1. Elifaz (15)
 - 2. Job (16-17)
 - 3. Bildad (18)
 - 4. Job (19)
 - 5. Sofar (20)

6. Job (21)

C. Terceiro Ciclo (22-27)

1. Elifaz (22)

2. Job (23-24)

3. Bildad (25,1-6;27,13-23)

4. Job (26,1-14;27,1-12)

IV. Hino da Sabedoria (28)

V. Afirmação? da inocência de Job (29-31)

A. Recordação de Job (29)

B. Lamento (30)

C. Um acto de Inocência (31)

VI. Discursos de Elihu (32-37)

VII. A Teofania (38,1-42,6)

A. Primeiro discurso de Yahwe (38,1-40,2)

B. Resposta de Job (40,3-5)

A'. Segundo discurso de Yahwe (40,6-41,26 [Eng. 41,34])

B'. Resposta de Job (42,1-6)

VIII. Epílogo (42,7-17)

A. Julgamento sobre os amigos (42,7-9)

B. Bênção de Yahwe sobre Job (42,10-17)

ANEXO 2

Estrutura do livro, baseada na tradução da Bíblia de Jerusalém

I. Prólogo (1-2)

- A. Apresentação de Job (1,1-5)
- B. Primeira cena no Céu (1,6-12)
- C. Job perde tudo (1,13-19)
- D. Lamento de Job (1,20-22)
- B'. Segunda cena no Céu (2,1-7a)
- C'. Job recebe os males (2,7b-9)
- D'. Lamento de Job (2,10)
- A'. Apresentação dos amigos (2,11-13)

II. Discursos/Diálogo (3,1-42,6)

- A. Monólogo de Job (3,1-26)
- B. Três rondas de discursos (4,1-27,12)
(Discurso dos amigos a Job e resposta de Job aos amigos)
- C. Discurso da Sabedoria (28)
- A'. Monólogo de Job (29,1-40)
- C'. Discurso de Elihu (32,1-37,24)
- B'. Discursos de Yahweh (38,1-42,6)
(Discurso de Yahweh a Job e respostas de Job a Yahweh)

III. Epílogo (42,7-17)

- A. Yahweh repreende os amigos de Job (42,7-9)
- A'. Yahweh restaura os bens de Job (42,10-17)

BIBLIOGRAFIA

- ALETTI, J.-N. – GILBERT, M. – SKA, J.-L., *Vocabulaire raisonné de l'exégèse biblique. Les mots, les approches, les auteurs* (CERF), (Paris 2008).
- ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J.L., *Job. Comentario teológico y literario* (Madrid 1983).
- ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português* (São Paulo-SP, Brasil 1997).
- ALONSO SCHÖKEL, L., *Diccionario Bíblico Hebreo-Español* (Madrid 1994)
- ALVES, M. I., “O Sentido do Sofrimento na Sagrada Escritura”, *COMMUNIO, RIC* (Lisboa 1988) 485-495.
- ASENSIO, V. M., *Libros Sapienciales y otros escritos* (IEB 5), (Navarra 1998²).
- AUSEJO, S. de, ed. Lit., *Diccionario de la Biblia* (Barcelona 1963).
- BAUER, J. B., *Diccionario de Teología Bíblica* (Barcelona 1967).
- BÍBLIA de JERUSALÉM, *Nova edição Revista e Aumentada* (São Paulo, Brasil 2003²).
- BÍBLIA SAGRADA, Tradução dos textos orginais, com notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma (São Paulo 1969).
- BORGONOVO, G., *La notte e il suo sole. Luce e tenebre nel libro di Giobbe. Analisi simbolica* (AnBib 135; Roma 1995).
- BOTTERWCK, J. G. – RINGGREN, H., *Theological Dictionary of the Old Testament* (Cambridge, U.K. 2006).
- DICIONÁRIO Hebraico-Português e Aramaico-Português (Petrópolis-RJ, Brasil 2002¹⁴).
- GIRARD, R., *La route antique des hommes pervers* (Paris 1985).
- GORDIS, R., *The Book of Job: Commentary, New Translation and Special Studies* (New York, NY 1978).
- HABEL, N. C., *The Book of Job. A Commentary* (London 1985).
- HARTLEY, J. E., *The Book of Job* (NICOT 66; Grand Rapids, MI 1988, 1991).
- JENNI, E., *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento I* (Madrid 1978).
- LAMBDIN, T. O., *Gramática do Hebraico Bíblico* (São Paulo-SP, Brasil 2005²).
- LÉON-DUFOUR, X., *Vocabulario de Teología Bíblica* (Barcelona 2001¹⁸).

- LEVEQUE, J., *Job et son Dieu*. Essai d'exégèse et de théologie biblique, I-II, (EB; Paris 1970).
- LO, A., *Job 28 as Rhetoric. An Analysis of Job 28 in the Context of Job 22-31* (SVT 97; Leiden 2003).
- MIES, F., «Est-il d'espérer en Dieu? *L'énigme de Job*», in, F. MIES (éd.), F.S. MAURICE GILBERT, *Toute la Sagesse du monde* (Bruxelles 1999).
- MIES, F., *L'Espérance de Job*. (BETL 193) (Leuven 2006).
- MURPHY, R. E., *Jó e os Salmos*, (São Paulo 1985).
- NEWSOM, C. A., "The Book of Job. Introduction, Commentary, and Reflections", *The New Interpreters' Bible*, IV (Nashville, TN 1996).
- NEWSOM, C. A., *The Book of Job. A Context of Moral Imaginations* (Oxford University Press; New York, NY 2003).
- PARSONS, G. W., "The Structure and Purpose of the Book of Job", *BSac* 138 (1981) 139-157.
- PEREIRA, A. J. P., "Job e as Questões Fundamentais da Humanidade", *ITINERARIUM, RQC* 202 (Lisboa 2012) 59-103.
- PEREIRA, A., "O crisol da bondade. Do ser, para quem do bem e do mal (Breve comentário ao Livro de Job)." *ITINERARIUM, RQC* 177 (2003) 499-536.
- POPE, M. H., *Job*. Introduction, Translation and Notes (AB 15; Garden City, NY 1965).
- ROMER, T. – MACCHI, JEAN-DANIEL – NIHAN, C., (éd.), *Introduction à l'Ancient Testament* (Genève 2009).
- TEIXEIRA, J. A. P., "O Mistério do Sofrimento: Problemas e Possibilidades", *DIDASKALIA*, XXX (Lisboa 2000).
- TERRIEN, S., *Job* (Commentaire de l'Ancien Testament 13; Neuchâtel 1963).
- WESTERMANN, C., *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento II* (Madrid 1985).
- ZUCK, R. B., *Job* (Chicago 1978).

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução | 2 |
| I. O contexto literário dos capítulos 16-17 | 4 |
| 1. A estrutura do livro de Job | 4 |
| 2. Contexto literário de Jb 16-17 | 9 |
| 3. Conclusão | 12 |
| II. Algumas perguntas dos amigos de Job | 14 |
| 1. As questões dos amigos | 14 |
| 1.1. As questões de Bildad? | 15 |
| 1.2. Questões feitas por Sofar? | 16 |
| 1.3. Qual é a pergunta de Elifaz? | 17 |
| 1.4. Há semelhanças nas questões? | 17 |
| 2. Jb 16,3 será uma pergunta de Job? | 19 |
| 3. Conclusão | 23 |
| III. Análise das perguntas feitas em Jb 16-17 | 25 |
| 1. Tradução | 25 |
| 1.1. Notas relevantes de filologia | 26 |
| 1.2. Traços pertinentes de semântica | 27 |
| 2. Composição do texto | 31 |
| 2.1. Organização | 31 |
| 2.2. Aspecto formal | 32 |
| 3. Qual a pergunta de Job? | 34 |
| IV. Há esperança para Job no meio do sofrimento? | 37 |

| | |
|--|----|
| 1. Leitura Teológica..... | 37 |
| 2. A pergunta de Job e o sofrimento..... | 39 |
| 3. Haverá esperança? | 40 |
| Conclusão..... | 44 |
| Anexos | 48 |
| Anexo 1 | 48 |
| Anexo 2 | 50 |
| Bibliografia | 51 |
| Índice | 53 |